

UNIFIEO – CENTRO UNIVERSITÁRIO FIEO

A ESCUTA PSICOPEDAGÓGICA DO CORPO

OCYOMARA ALMEIDA DOS SANTOS

OSASCO-2008

Catálogo na publicação

Biblioteca do Centro Universitário FIEO

SANTOS, Ocyomara Almeida

A escuta psicopedagógica do corpo – Ocyomara Almeida dos Santos; orientação do Prof. Dra. Maria Laura Puglisi Barbosa Franco – Osasco: Centro Universitário FIEO, fevereiro 2008.

Dissertação de Mestrado em Psicologia Educacional no Centro Universitário FIEO.

1. Psicopedagogia 2. Corpo e aprendizagem 3. Diagnóstico

OCYOMARA ALMEIDA DOS SANTOS

A ESCUTA PSICOPEDAGÓGICA DO CORPO

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do UNIFIEO - Centro Universitário FIEO para obtenção do título de Mestre em Psicologia Educacional, tendo como área de concentração Ensino Aprendizagem inserido na linha de pesquisa Aprendizagem no contexto social e político, sob a orientação do Profa. Dra. Maria Laura P. B. Franco.

UNIFIEO
Centro Universitário
Osasco -2008

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais, pela educação e amor. Meu pai (*in memoriam*) pelas informações em termos de valores sociais, morais, éticos e culturais que foram significativos para minha formação. Minha mãe pelo exemplo de mulher, determinada, solidária, prestativa, que foi em busca de crescimento e com isso obteve muitas conquistas.

Agradeço às minhas irmãs que são guerreiras, cada qual na sua área, pelo apoio presente a qualquer hora, pelos modelos de referência e por sempre acreditarem no meu potencial.

Agradeço aos meus sobrinhos por existirem e darem o prazer de vê-los desabrochar, em busca de suas autorias de pensamento.

Agradeço ao meu querido companheiro, Flávio, pela paciência, pela sua ajuda na revisão e formatação do texto, e pela sua cumplicidade nesta minha trajetória.

Agradeço aos psicopedagogos que participaram da pesquisa e que auxiliaram e muito neste estudo.

Agradeço ao Tempo que está possibilitando o meu crescimento enquanto aprendente.

Agradeço ao professor doutor Carol Kolyniak Filho por ter me iniciado na árdua tarefa da escrita científica. Seu cuidado e atenção jamais serão esquecidos.

Enfim, agradeço a professora doutora Maria Laura P. B. Franco pela boa vontade, dedicação, ensinamentos, contribuição, paciência que a mim foi destinada na confecção desta dissertação. Sinto-me honrada por ter sido sua orientanda.

A ESCUTA PSICOPEDAGÓGICA DO CORPO

OCYOMARA ALMEIDA DOS SANTOS

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Maria Laura Puglisi Barbosa Franco (orientadora)

Prof(a). Dra. Gláucia Torres Franco Novaes

Prof(a). Dra. Leda Maria Codeço

Prof(a). Dra. Maria Luiza Puglisi Munhoz (Suplente)

“Como o pintor prepara a tela e o escultor, o barro, devemos preparar o corpo antes de usá-lo, antes de esperar dele “resultados satisfatórios”. É o estado do corpo que, *a priori*, determina a riqueza das experiências vividas. O corpo lúcido, toma iniciativas, não se contenta mais com receber, aguentar, “engolir”. Ao tomar consciência do corpo, damos-lhe a ocasião de comandar a vida”.

(BERTHERAT,1986:107)

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO | 01 |
| CAPÍTULO I- DIFERENTES ABORDAGENS DO CORPO NA COMPREENSAO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO | 16 |
| CAPÍTULO II- CORPO E APRENDIZAGEM | 35 |
| CAPÍTULO II- PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS | 52 |
| CAPÍTULO IV – OS DADOS E SUA DISCUSSÃO | 55 |
| CONCLUSÃO -..... | 76 |
| ANEXOS -..... | 79 |
| BIBLIOGRAFIA -..... | 94 |

RESUMO

Neste trabalho, pretende-se investigar como o corpo é considerado no enfoque do diagnóstico psicopedagógico, no âmbito da Psicopedagogia Clínica. A partir de uma exposição sumária de diferentes abordagens de corpo no desenvolvimento filogenético e ontogenético humano, são explicitadas relações entre corpo e aprendizagem, utilizando-se como referencial central a psicomotricidade de Wallon e Vítor da Fonseca. O processo de investigação utilizado nesta pesquisa baseou-se, primeiramente, numa conversa com psicopedagogos sobre o roteiro do diagnóstico. Estes profissionais formaram-se em diferentes instituições - UNIFIEO, UNIMARCO, UNISA, FAE, Faculdades Campos Salles, UNIP e PUC-SP - e nesta conversa constatou-se que em apenas duas instituições existe um diagnóstico psicopedagógico fixo, sendo que ambas utilizam a mesmo roteiro diagnóstico feito por ANDRADE (1998); nas demais instituições, os alunos montam o seu roteiro de acordo com os fundamentos teóricos apresentados pelos professores, ou seja, o aluno escolhe aquela corrente que vem de encontro com seu perfil de atuação. Em suma, cada aluno acaba utilizando um roteiro diferente. Em seguida, foram analisados os procedimentos dos testes do roteiro diagnóstico utilizado nestas duas instituições, para verificar como o corpo e a motricidade são abordados. Além disto, foram entrevistados psicopedagogos, na grande maioria formados em São Paulo, para conhecer como este profissional vê e escuta o corpo. A técnica utilizada foi a entrevista não diretiva. Foi possível demonstrar que não há uma padronização nos diagnósticos psicopedagógicos utilizados na maioria das instituições, o que dificulta a padronização dos dados obtidos. Quando o corpo é considerado, de alguma forma, no diagnóstico, tende a ser visto em si mesmo, sem relação com uma visão com o contexto, social e cultural em que está inserido. Tanto a inexistência de um roteiro diagnóstico que focalize especificamente o corpo do paciente, como a diversidade ou inexistência de fundamentação científica para intervenções voltadas especificamente para o corpo, expressam concepções de sujeito que predominam no campo da Psicopedagogia Clínica, sendo que essas concepções não parecem valorizar de forma clara e específica a dimensão corporal da subjetividade. Portanto, há necessidade de buscar construir procedimentos diagnósticos que focalizam de forma sistematizada o corpo e a motricidade, como por exemplo, testes psicomotores, exercícios de alongamento. Assim, colaborar-se-á para que o corpo seja escutado e focado da forma que se faz necessário, a luz dos conhecimentos existentes sobre a relação entre corpo e aprendizagem.

ABSTRACT

In this work, the author intends to investigate how body is considered in psychopedagogical diagnosis, in the field of clinic psychopedagogy. On the basis of a summary explanation over different approaches of body in human both ontogenetic and filogenetic development, the author points out the relationship between body and learning, using as theoretical foundations the psychomotricity of Wallon and Vitor da Fonseca. The methodological procedures include interview with psychopedagogues, about psychopedagogical diagnosis. Those professionals come from different institutions – UNIFIEO, UNIMARCO, UNISA, FAE, Faculdades Campos Salles, UNIP and PUC-SP. In those interviews appears the fact that only two institutions have fix diagnosis procedures – that proposed by ANDRADE (1998); in other institutions, each student proposes his/hers own diagnosis procedures. Following, diagnosis procedures in the two institutions were scanned, in order to know how body and motricity are focused. In addition, more six psychopedagogues were interviewed, aiming to understand how these professionals look body in the diagnosis. It was possible demonstrate that doesn't exist standardized diagnosis procedures in the field of psychopedagogy and this carries difficulty to deal with the obtained data. When body is considered in diagnosis, it isn't understood within social and cultural context it lives. The fact that doesn't exist a diagnosis procedure that focuses specifically patient's body, as well as the poor scientific basement for interventions over body, are expressions of theoretical assumptions of psychopedagogy, that don't valorize, specifically, subjectivity's body dimension. Therefore, it's needed search and build diagnosis procedures that focuse clearly body and motricity, e. g. psychomotricity tests, stretching. So, maybe body be considered in the way it shows necessary, on the basis of modern knowledge about relationship between body and leaning.

INTRODUÇÃO

O meu interesse pelo corpo vem do tempo em que cursava a graduação em Fonoaudiologia, precisamente no 3º ano, quando tive a oportunidade de participar de uma oficina de Expressão Corporal. Nessa ocasião, fiquei encantada ao tomar contato com possibilidades de movimentos do corpo que eu ignorava, e também com o conhecimento de como isto podia interferir na voz. A fonoaudióloga que ministrava a oficina trabalhava com teatro, o seu desempenho motivou o meu interesse por essa área.

O meu trabalho de conclusão da graduação intitulou-se “Voz no teatro”. Para realizar esse trabalho, fiz entrevistas e verifiquei que o número de fonoaudiólogas que trabalhavam na área era bem reduzido, pois o campo de trabalho era restrito.

Após a graduação, procurei uma fonoaudióloga para desenvolver um trabalho de impostação vocal. Quando ela estava me avaliando, qual não foi minha surpresa quando ela disse que eu deveria fazer um tratamento com um quiropata, pois o meu corpo apresentava tensões em alguns pontos. Só depois então, deveria submeter-me a fonoterapia.

A partir de uma radiografia da coluna, verificou-se uma retificação cervical, ou seja, eu estava perdendo a curvatura da região do pescoço. Fiz o tratamento com o quiropata e notei que a minha postura melhorou.

Com este tratamento, tomei conhecimento do quanto a coluna tem relação funcional com as demais partes do corpo.

Iniciei minha especialização em Voz e como tema de monografia escolhi "Efeitos da Postura na Voz". Em minhas pesquisas sobre o assunto, confirmei a ignorância que temos sobre o corpo, o quanto nós não sabemos das relações entre as diferentes partes do corpo, e quantos problemas podemos ter por falta de informação.

Na prática como fonoaudióloga, pude observar um número significativo de crianças com alterações posturais e respiratórias que apresentam dificuldades na aprendizagem. Como ilustração, descreverei três casos da clínica fonoaudiológica. Trata-se de pacientes com idade de 6, 7 e 8 anos, alunos de escolas da rede pública municipal e de nível sócio-econômico médio e baixo.

Dois deles eram respiradores bucais (6 e 8 anos) e o de 7 anos tinha respiração superior. Os três tinham alteração na postura. O de 6 e o de 8 anos tinham a cabeça anteriorizada, ombros caídos para frente, e os quadris para frente. O paciente de 7 anos tinha tórax para frente (empinado), com curvatura acentuada na região lombar.

Apesar da pouca idade, todos apresentavam tensão nas regiões do pescoço e ombros.

Além da questão postural, eles apresentavam dificuldades de aprendizagem, falta de atenção, lentidão na execução dos movimentos. As crianças de 6 e de 8 anos possuíam comprometimentos na musculatura dos órgãos fonoarticulatórios (lábios, língua, palato e bochechas).

No decorrer das sessões, observava as posturas incorretas de sentar: o de 6 anos ficava com o corpo todo apoiado do lado direito, sempre apoiava a cabeça no braço quando executava as atividades e apresentava características de cansaço. O de 7 anos sentava na beira da cadeira e o de 8 escorregava na cadeira.

A noção espaço-temporal deles mostrou-se um pouco alterada, em algumas propostas, como desenhos, quebra-cabeças e outras.

O paciente de 8 anos era bem desastrado, sempre deixava cair algo no chão e os seus movimentos eram um tanto "desengonçados".

Expliquei para eles a maneira de respirar: os órgãos envolvidos, o porquê de respirar pelo nariz, os ritmos respiratórios, a postura mais adequada e mostrei o que era tensão e relaxamento. Pedi para que eles ficassem atentos ao seu corpo.

Numa das terapias, fiz uma sessão de relaxamento e também fizemos exercícios corporais, visando a soltura da musculatura para um melhor alinhamento do eixo corporal. Aos que respiravam pela boca, foi dada uma hóstia para que fosse colocada entre os lábios (para evitar a respiração incorreta). Dei um jogo (Lince), onde há várias figuras desenhadas no tabuleiro e fichas pequenas com as mesmas figuras. As fichas foram divididas entre mim e os pacientes, o objetivo do jogo é encontrar mais peças num menor espaço de tempo. Todos tiveram um bom desempenho. Na realidade, o meu foco era a atenção e a maneira como conduziam o jogo.

Num outro momento, dei o mesmo jogo, só que desta vez não fizemos o relaxamento, os exercícios corporais e nem dei a hóstia. O resultado, em termos de desempenho, não foi tão satisfatório.

Houve um deles (8 anos) que praticamente não mostrava avanços, a sua auto-estima estava baixa e ele tinha uma estatura inferior à esperada na sua faixa etária. Encaminhei-o para um quiropata e foi constatado que havia uma vértebra encavalada com outra, e era isto que estava obstaculizando o crescimento e fazendo com que o paciente criasse uma série de compensações com o corpo. Após tratamento médico adequando da coluna, o planejamento terapêutico fluiu bem melhor, assim como sua auto-estima, e ele chegou a crescer 3 centímetros.

Sei que a minha amostra é pequena, porém essa experiência foi suficiente para que a minha forma de olhar o sujeito se ampliasse. A harmonia do corpo é fundamental para se ter uma boa qualidade de vida.

Fiquei impressionada com as relações entre postura e respiração, o quanto de abrangência têm as ligações da medula espinhal, uma vez que é ela a responsável pela ligação dos centros nervosos com as demais partes do corpo, ela seria como uma “central telefônica”, recebendo e transmitindo ordens através dos nervos a ela conectados.

Tomei conhecimento de várias abordagens corporais, o que fez com que meu olhar começasse a ter possibilidade de se dirigir a outros horizontes. Comecei a

olhar os meus pacientes de maneira diferente da que anteriormente caracterizava o meu trabalho. O corpo passou a ter mais relevância dentro do processo terapêutico, na minha perspectiva.

No decorrer da minha atuação na área da Fonoaudiologia fui acumulando uma série de dúvidas com relação aos elementos envolvidos na aprendizagem e esta insatisfação levou-me a procurar respostas num outro saber: a Psicopedagogia.

BREVE SÍNTESE DO PERCURSO HISTÓRICO DA PSICOPEDAGOGIA

As preocupações relativas aos problemas de aprendizagem são antigas. Segundo Bossa (1994), elas são explicitadas desde o século XVIII, na Europa, apesar de não existir, nessa época, um conceito muito claro sobre aprendizagem e dificuldades de aprendizagem, visto que estas eram tidas como doença mental, explicada por uma força sobrenatural.

Este assunto despertou interesse em várias escolas psicológicas: o estruturalismo de Wundt e Titchener, a psicanálise de Freud, o funcionalismo de Dewey e Woodswort, a reflexologia de Pavlov, o behaviorismo de Watson e os subprodutos psicológicos da escola piagetiana. Com o passar do tempo, cruzam-se informações da Epistemologia Genética, Psicanálise, Psicologia Social, Neurolingüística e áreas afins, sempre em busca de uma resposta nova para os problemas de aprendizagem.

Para Levin (1999:33):

“ Em fins do século XIX e no início do XX, com o auge do enfoque positivista, surge a partir do campo da neuropsiquiatria uma demanda particular: que se saiba curar aquilo que o neuropsiquiatra não sabe como se produz ou ao que responde, nem tampouco como cura.

Esta demanda particular secciona, assim diferentes práticas: a psicomotricidade (para o motor), a fonoaudiologia (para a linguagem) e a psicopedagogia (para a aprendizagem e o conhecimento). Todas elas têm a mesma raiz em comum, partiram das descobertas da neurologia, especialmente da fisiologia nervosa (localização das diferentes funções dos centros corticais) de meados do século XX”.

Segundo Bossa (2000) os primeiros Centros Psicopedagógicos surgiram na França em 1946 e eles eram formados por médicos, psicólogos, educadores, assistentes social e psicanalistas.

De acordo com a mesma autora, devido os graves problemas educacionais cria-se em Buenos Aires a Faculdade de Psicopedagogia, que a princípio tinha a duração de 3 anos, em 1969 passa para 4 anos devido à necessidade de uma melhor formação instrumental do profissional; no que diz respeito às funções cognitivas e afetivas. Em 1978 a faculdade passa a ter 5 anos com direito a licenciatura.

Ainda citando Bossa, no Brasil, a Psicopedagogia surge da década de 1970, época esta em que os índices de fracasso e evasão escolar tornavam-se cada vez mais altos.

Bossa (2000) relata que o primeiro curso regular de Psicopedagogia foi ministrado no Instituto Sedes Sapientae (1979), em São Paulo. Outros cursos que também contribuíram para o fortalecimento da Psicopedagogia foram os da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e da Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre. A autora ainda expõe a diferença entre a formação na Argentina e a no Brasil, visto que na primeira a Psicopedagogia é uma graduação (5 anos) e na segunda trata-se de uma pós-graduação (de 1 ano e 6 meses a 2 anos). A autora salienta que os psicopedagogos argentinos devido a sua formação podem fazer uso de testes que, no Brasil, só os psicólogos têm a autorização de acordo com o Conselho Regional de Psicologia.

Para entender melhor a Psicopedagogia, é necessário saber sobre o seu surgimento, definição, objeto e público-alvo. Também é importante conhecer contribuições de áreas afins.

A Psicopedagogia, tornou-se mais um caminho, dentre outras especialidades, a tentar lidar com o fracasso escolar. Ela também reflete sobre o que estaria atrás deste alto índice de fracasso escolar, o que ele realmente quer dizer? Ela tenta responder a esta pergunta buscando conhecimento no processo de aprendizagem e suas possíveis alterações.

Para Bossa (2000) a Psicopedagogia está relacionada com todas as etapas possíveis do processo de aprendizagem: como ela ocorre, o que pode interferir

dentro do processo, como se manifesta as alterações , como detectar, prevenir e tratar essas alterações.

A mesma autora complementa colocando que a Psicopedagogia trabalha com uma concepção de aprendizagem segundo a qual participa desse processo um equipamento biológico com disposições afetivas e intelectuais que interferem na forma de relação do sujeito com o meio, sendo que essas disposições influenciam e são influenciadas pelas condições socioculturais.

A aprendizagem é um processo dinâmico no qual a questão do vínculo (como circula o conhecimento) entre os “aprendensinantes”, ou seja, quem aprende e quem ensina tem que ser levado em consideração, para se entender todo o processo da busca de conhecimento.

Fernández (1991) diz que maneira individual de se aproximar do conhecimento e construir o saber é chamada “modalidade de aprendizagem”. Somente a possibilidade de apropriar-se (fazer próprios os conhecimentos) constrói o saber. E o saber aumenta as chances de adquirir autonomia.

Para Lima (2000:4):

“A apropriação das possibilidades de ação, instrumentada pelo **corpo** que confere um poder de síntese ao ser e ao saber do desejo, é um exemplo de aprendizagem. A apropriação do conhecimento implica um domínio do objeto, sua corporização prática, implicações ou imagens que necessariamente resultam em prazer corporal. Somente ao integrar-se ao saber o conhecimento é aprendido e pode ser utilizado.

A Psicopedagogia tem se preocupado com a aprendizagem como procedimento que a espécie humana desenvolve para se adaptar ao meio; pela complexidade desse procedimento, a Psicopedagogia configura-se como um campo de investigação multidisciplinar cercado-se, para isso, de conhecimentos sobre as bases orgânicas, psicológicas e sociais”.

Fernández (2001:91) diz que a autoria de pensamento é a condição para autonomia da pessoa e, por sua vez, a autonomia favorece a autoria de pensar. À

medida que alguém se torna autor, poderá conseguir o mínimo de autonomia. Com essa autonomia o seu processo de aprendizagem será mais tranqüilo.

O termo “Psicopedagogia”, às vezes, gera confusão, pois pensa -se que é a junção da Psicologia com a Pedagogia e, com isso, há uma confusão com relação ao seu objeto de estudo.

Para mim na realidade a Psicopedagogia tenta preencher as lacunas existentes na Psicologia no que diz respeito à aprendizagem, e a parte terapêutica que falta na Pedagogia, logo ela abriu uma outra possibilidade de estudo.

Na minha experiência como psicopedagoga, tento descobrir com o paciente o que está oculto, há um respeito do terapeuta que avança, junto ao paciente, para onde ele pode ou quer ir. O lugar do saber não está unicamente do lado do terapeuta, o paciente sabe o que se passa e vai se descobrindo. Ele vai buscar a sua autoria de pensamento.

A esse respeito, diz Rabelo (2000:14):

“..... algo da ordem de segredo está presente em toda busca do conhecimento, pois o objeto a conhecer está oculto e esta dificuldade implica um desafio, um estímulo ao desejo de conhecer. A mesma situação que motiva o movimento em direção ao conhecimento pode tingir de perigo e principalmente de culpa, o acesso ao mesmo. Por fim, a modalidade de aprendizagem é também a forma característica de cada um revelar o oculto”.

De acordo com as idéias de Fernández (2001) a Psicopedagogia visa favorecer situações que propiciem a autoria de pensamento. É preciso autorizar-se para conseguir autonomia. É necessário reconhecer o que se sabe para poder legitimar este conhecimento. A Psicopedagogia possibilita o transformar do não pensável, ou seja, ela busca que fatos antes impensáveis tornem-se pensáveis pelo aprendente. Especificamente, busca-se que o sujeito possa perceber-se como alguém capaz de aprender e de expressar o que conhece. A Psicopedagogia também visa um equilíbrio dentro do processo de aprendizagem, visto que as alterações na aprendizagem quebram a dinâmica do aprendizado.

Segundo Rabelo (2000:13):

”O problema da aprendizagem é visto como um sintoma na visão psicanalítica. Corresponde o sintoma do não aprender a maneira que o sujeito tem para inserir-se numa realidade, constituída por uma situação peculiar. O sintoma marca a construção do corpo e da inteligência e assim a imagem corporal fica comprometida junto com a estrutura cognitiva“.

Bossa (2000:28) concorda que o problema de aprendizagem também pode ser comparado como um sintoma. A autora faz um paralelo com a teoria da conversão proposta por Freud:

“...O problema de aprendizagem enquanto sintoma pode ser comparado, na sua dinâmica, com o sintoma conversivo. Frente a enfermidades que apareçam no corpo e que não podiam ser explicadas pela medicina, Freud chega à noção de inconsciente e entende que o que ocorre era uma conversão simbólica do inconsciente, entre eles o sintoma...Como ciência do inconsciente, portanto, a Psicanálise permite a compreensão do sintoma como problema de aprendizagem, percebendo-o como manifestação humana carregada de significado “.

Para Fernández (1991) o problema de aprendizagem não é outra coisa senão anular as capacidades e bloquear as possibilidades, cabe a nós darmos oportunidade para que as capacidades sejam reconstruídas e as possibilidades estimuladas.

A Psicopedagogia busca um espaço onde o sujeito possa legitimar os seus saberes, pois muitas vezes o sujeito não sabe que ele sabe.

Do ponto de vista da Psicopedagogia, o que é relevante dentro da aprendizagem é o processo da descoberta do saber, e não o saber em si. Quando o sujeito “saboreia“ este saber, ele fica com o ”gostinho de quero mais”, logo, ele terá desejo de outros saberes, então ele vai buscá-lo, ou mesmo transformá-lo, porque ora vai ser aprendiz, ora vai ser ensinante. Para o sujeito aprendente é necessário um sujeito ensinante porque, para a psicopedagogia, toda relação é triangular (aprendente- conhecimento-ensinante- Fernández 1991).

Percebemos, então, que a Psicopedagogia começa com um foco de reeducação dos problemas de aprendizagem escolar e o amplia para a ressignificação do sujeito dentro desta situação, como ele busca o saber e como se dá a sua relação com ele. Quando digo ressignificação quero dizer dar um novo significado, um novo olhar para este sujeito no que diz respeito a sua aprendizagem. Para favorecer esta ressignificação, o psicopedagogo deve buscar todas as ferramentas disponíveis, estar sempre atento no “olhar” para obter as respostas, saber conciliar prática e teoria e, caso não encontre as respostas, refletir sobre o fato. É necessário, portanto, fundamentar a prática para que se tenha diretrizes, que possam levar aos objetivos propostos.

Segundo Bossa (2000) com o crescimento da Psicopedagogia, surgiram vários tipos de intervenções de caráter preventivo e/ou de reeducação. O atendimento pode ser individual ou em grupo, em diferentes lugares (clínica, hospital, escola, centros comunitários e empresas). O tratamento estaria voltado para aqueles que tenham alguma dificuldade de aprendizagem, em qualquer aspecto. É de suma importância o trabalho interdisciplinar, ou seja, com outros profissionais envolvidos na questão, para se ter uma noção do todo da criança, tanto na avaliação como na intervenção.

Bossa ainda nos diz que no trabalho clínico o psicopedagogo busca não só compreender o por quê de um sujeito não aprender algumas coisas, mas o que ele pode aprender e como. A busca desse conhecimento inicia-se no processo de diagnóstico, momento em que a ênfase é a leitura da realidade daquele sujeito, para então proceder à intervenção, que é o próprio tratamento e fazer encaminhamentos quando estes forem necessários.

Como podemos notar, o psicopedagogo tem que ter uma série de conhecimentos para desenvolver de maneira adequada o seu trabalho e para legitimar a sua prática.

Toda ciência constitui-se a partir de alguns conceitos de outras. Com o decorrer do tempo, frente às experiências vividas e observadas, ela vai se delineando e formando um perfil próprio. Para mim, é isto o que está acontecendo com a Psicopedagogia; a cada ano, ela vem ganhando espaço, dando passos em busca de ser reconhecida enquanto ciência. Para que isso possa acontecer mais

rapidamente, cabe aos psicopedagogos observar, criar hipóteses, refletir teoria e prática, serem objetivos, precisos, além de justificar de maneira adequada os objetivos alcançados, porque só com dados podemos contra argumentar. A objetividade, a precisão e a sistematização são atributos de qualquer produção científica.

É imprescindível enxergar o ser além do que está sendo visto, lembrar que existe um aspecto interno, subjetivo, que deve ser levado em consideração, que poderá estar mais “comprometido” do que o que está externo.

Temos que buscar as ressignificações do que não foi escutado/compreendido, do que foi reprimido, para alcançarmos nossa autoria, uma vez que podemos dizer que ciência, muitas vezes, inclui aquilo que nem sempre é escutado, ou melhor, compreendido. Não há ciência sem imaginação. O sujeito é uma totalidade dinâmica e complexa. O estudo científico do sujeito tem avançado pelo aprofundamento de olhares específicos, que focalizam aspectos parciais da complexidade humana (por exemplo, a linguagem, as relações sociais, a afetividade, o pensamento conceitual, etc). Esse desenvolvimento da ciência, por um lado, propiciou a ampliação do conhecimento sobre o homem e, por outro lado, tem favorecido uma visão fragmentada da complexa totalidade do sujeito.

O sujeito, de um ângulo é parte do outro todo. Ainda que se reconheça a necessidade de buscar uma visão integrada da complexa totalidade do sujeito, cabe a cada profissional olhar na direção para qual está preparado no momento, em função da sua formação, dos conhecimentos que domina (formação e conhecimentos estes que são fruto da dinâmica do desenvolvimento da ciência). Assim sendo, nenhum conhecimento é um fim em si mesmo. Uma teoria nunca é definitiva, com o tempo ela vai se aperfeiçoando. Como diria Lacan: “Não existe a palavra final”.

Como o corpo faz parte desse sujeito, é imprescindível termos um conhecimento maior sobre ele, porque é através dele que vamos aprender.

Mediante esta colocação e a minha busca de respostas em relação aos elementos envolvidos no processo de aprendizagem na Psicopedagogia, senti a necessidade de contextualizar a questão do corpo na Psicopedagogia.

INTRODUZINDO A QUESTÃO DO CORPO NO CONTEXTO DA PSICOPEDAGOGIA

O corpo humano vem sendo estudado há milênios. A partir de Descartes, nas concepções científicas dominantes passou a haver um grande abismo entre o corpo e a mente. Contudo, ao final do século XIX, especialmente com o surgimento da psicanálise, alguns pesquisadores passaram a considerar a existência de uma ponte de ligação entre corpo e mente, enquanto outros viam uma intersecção entre ambos aspectos.

O corpo está vinculado a questões orgânicas, psíquicas e sociais. Logo, ele está presente na atuação de todos profissionais.

A relação entre sujeitos é fundamental para que haja construção do conhecimento, e o corpo participa neste “diálogo”. O início da aprendizagem se dá pelas sensações que o nosso corpo passa.

De acordo com Kolyniak (2001), esquema corporal é o conhecimento do corpo, tanto no que se refere às suas partes e relações entre estas, como no que tange às possibilidades de movimento global e segmentar. Esse conhecimento inclui diferentes elementos: (a) uma “imagem” do corpo, tanto estático como em deslocamento, imagem esta que possibilita reconhecer e manejar diferentes posturas e movimentos; (b) um conjunto de conceitos sobre a estrutura e funcionamento do corpo; (c) um conjunto de valores e afetos em relação ao corpo, que inclui as vivências de prazer e desprazer advindos das relações com o meio físico e social e das sensações originadas no próprio corpo. Logo quando estiver referindo ao corpo no texto, é a esta conceituação que estarei reportando.

A relação entre sujeitos é fundamental para que haja construção do conhecimento, e o corpo participa neste “diálogo”. O início da aprendizagem se dá pelas sensações que o nosso corpo passa.

Nos processos de subjetivação, cada corpo afeta e é afetado por outros, o que modifica a forma de ser de cada um, tanto externamente como internamente. O corpo pode ter um papel muito importante nas discussões sobre a subjetividade.

A expressividade e a comunicabilidade do corpo são mais valorizadas atualmente, a linguagem parece permitir associar relações, gestos e expressões que antes não faziam parte de seu espectro.

Por ser a aprendizagem um fator de constituição na espécie humana, deve-se vê-la como veículo de extrema importância para o nosso bem-estar físico, mental e social.

Um sujeito que aprende tem inúmeras possibilidades de mudar, criar, construir e sonhar. Sendo assim, é necessário que haja um conhecimento de como se dá o processo de aprendizagem, a fim de que possamos identificar e corrigir mecanismos inadequados e, por outro lado, propiciar condições para que ele ocorra da melhor forma possível.

Para o psicopedagogo, compreender o processo de aprendizagem é imprescindível, assim como o médico deve ter conhecimento da fisiologia do corpo.

A aprendizagem implica em mudança de comportamento, em construção do conhecimento; logo, qualquer fato que prejudique esta mudança dificultará o seu processo. O mesmo acontece com o corpo; qualquer desequilíbrio em sua estrutura trará uma série de alterações no organismo e na mente, e não podemos esquecer que cada corpo tem a sua história, daí a necessidade de pesquisa em ambos aspectos.

A noção de esquema corporal é a primeira aquisição no decorrer do desenvolvimento. O sujeito que não tem a percepção do seu corpo também não terá noção do que está à sua volta e, conseqüentemente, a sua aprendizagem estará comprometida (Le Boulch, 1988).

Como a Psicopedagogia lida com a aprendizagem, deve estar atenta aos processos objetivos e subjetivos. Um exemplo seria observar a postura do seu paciente, porque ela também pode estar interferindo na dificuldade de aprendizagem. Além do que é necessário sabermos como o corpo revela os sinais que a sociedade imprime e como isto pode interferir na autoria do pensamento.

Enfim, para buscar entender a autoria do pensamento, é necessário estar aberto a acessar os vários tipos de linguagem (gestual, corporal, verbal etc.).

O complexo cabeça, coluna vertebral e bacia é o ponto de equilíbrio do nosso corpo.

O alinhamento corporal é o começo de uma respiração eficiente. O cérebro funciona melhor quando recebe uma quantidade boa de oxigênio. Com uma postura inadequada, a respiração não se dá de forma correta, um exemplo seria a postura de ombros caídos; que dificulta a movimentação do músculo diafragma, fazendo com que não haja uma expansão esperada dos pulmões.

É muito importante saber como a estrutura do corpo é organizada no espaço, como é conduzida com a pressão da gravidade e seu uso diário.

Segundo Lê Boulch (1988) a aprendizagem sempre envolve a psicomotricidade, capacidade de movimento intencional e significativo. Nenhum conceito básico se constrói sem coordenadas espaciais e temporais claras e estas, por sua vez, são construídas na e pela movimentação ativa do sujeito no espaço. Não deixando de salientar o aspecto social, a relação com o outro que propicia a mediação na construção do conhecimento.

Com os avanços tecnológicos, a Medicina aprimora o conhecimento do corpo, cada vez mais se conhece o corpo em partes, partes cada vez menores, esquecendo-se do todo e do “eu” desse corpo. A minha monografia de conclusão do curso de Psicopedagogia novamente faz referência ao corpo: “Questões Corporais no processo de aprendizagem”. Este tema surgiu das minhas observações clínicas - alterações de esquema/ imagem corporal em pacientes refletindo na performance de aprendizagem do sujeito. Logo, pretendo continuar utilizando a linguagem do corpo como objeto de pesquisa para entender a ocorrência da escuta psicopedagógica deste corpo e que tipo de intervenção pode ser feita.

O diagnóstico psicopedagógico é feito a partir de informações obtidas através de entrevistas, observações e testes. A instituição na qual me especializei em Psicopedagogia, utiliza-se do livro: “Psicopedagogia Clínica- Manual de Aplicação Prática para Diagnóstico de Distúrbios do Aprendizado (Márcia Siqueira de Andrade, 1998) . O diagnóstico é composto por: Anamnese, Testes Projetivos, Hora do Jogo Psicopedagógico, Teste Aperceptivo Infantil Psicopedagógico, Testes Cognitivos, Sondagem da Escrita, Teste de Bender e a devolutiva.

Segui todo este roteiro de diagnóstico com o meu primeiro paciente, na clínica psicopedagógica da instituição. No fechamento geral de todos os dados obtidos nos testes, não detectei nenhuma alteração na motricidade.

Entretanto, como disse acima, na minha experiência fonoaudiológica, o meu olhar para o corpo começou a se ampliar então, no início do tratamento psicopedagógico, precisamente na quarta sessão, resolvi dar uma atividade relacionada com o corpo. Apliquei uma atividade de montagem de um boneco. Conversei com o paciente, explicando-lhe que ele deveria montar o boneco da forma que achasse melhor e depois daria um nome para o mesmo. Escolheu fazer com lápis de cor e pintou todas as partes do boneco. Então, dei-lhe a tesoura para recortar, ele recortou as mãos que estavam juntas com os braços e, na hora de montar o boneco, esqueceu-se de colocar o pescoço. Quando o questionei por isto, ele disse que não precisava; além disso, inverteu o tronco e a posição das pernas do boneco. Mediante o observado, levantei a hipótese de o paciente estar defasado, em função da sua idade (11anos), no que diz respeito ao conceito de esquema corporal. Fiz outras atividades com ele, relacionadas com esquema corporal, e ele também apresentou dificuldades.

O dado corporal não foi obtido através do roteiro de diagnóstico psicopedagógico que foi utilizado.

Na bibliografia que consultei, não encontrei referências suficientes sobre o enfoque do corpo no diagnóstico psicopedagógico. Este fato instigou-me a procurar a pesquisar sobre o assunto.

Esta pesquisa tem como objetivo investigar como o corpo é focado e percebido no enfoque do diagnóstico psicopedagógico, porque é importante que a Psicopedagogia não corra o risco de se ater somente a partes em isolado, pois é necessário saber “escutar” e observar o que este corpo como um todo tenta dizer.

O estudo do tema para a Psicopedagogia interessa no sentido de se verificar como o estudo do corpo interfere na aprendizagem. Temos conhecimento de que o estudo do corpo é importante, porém, não há uma sistematização que esclareça o valor desse estudo.

Há uma necessidade de conhecer melhor o corpo humano para compreendermos como esse conhecimento pode articular-se ao conhecimento de outros aspectos da subjetividade, propiciando melhores condições para se atingir os objetivos da atuação psicopedagógica.

Por certo já ouviram a expressão latina, que remota da antiguidade: *Mens sana in corpore sano*, ou seja, eu tendo uma mente boa, como consequência terei um corpo com saúde, notamos uma ênfase no intelecto. No presente trabalho pretendo por meio dos teóricos mencionados fazer uma relação inversa, ou melhor, mostrar uma outra visão e acrescentar o aspecto da aprendizagem: Corpo são, mente boa, aprendizagem presente.

A aprendizagem ocorre a partir da condição da totalidade do sujeito, em que os aspectos corporais e psicológicos podem ser considerados como indissociáveis. A observação nos fornece muitos dados e pode encurtar muitos caminhos, munidos de um conhecimento mais abrangente sobre o corpo como expressão da totalidade e da complexidade do sujeito, podemos traçar melhor o perfil do paciente e assim preparar uma abordagem mais adequada, ou encaminhá-lo, caso seja necessário, para outros profissionais e, com isso, reduzir o tempo do tratamento e melhorar a qualidade de vida do ser em questão.

O conhecimento sobre o corpo pode ser visto sob vários tipos de abordagens, no próximo capítulo tratarei o corpo na visão da filogênese e da ontogênese.

CAPÍTULO I

DIFERENTES ABORDAGENS DO CORPO NA COMPREENSÃO DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

O corpo é um fenômeno complexo que pode ser visto a partir de diversos enfoques: artístico, religioso, filosófico, científico. Do ponto de vista da ciência, o corpo pode ser objeto de análise da Biologia, da Antropologia, da Psicologia, da Sociologia e de outras áreas de conhecimentos. Meu interesse é focalizar o corpo do ponto de vista do desenvolvimento humano. Por esta razão, considerarei algumas contribuições teóricas para a compreensão do corpo na filogênese e na ontogênese.

1. Filogênese

De modo geral, os estudos sobre a filogênese do corpo humano são encontrados nas áreas da Biologia e da Antropologia, especialmente vinculadas à Paleontologia. Uma contribuição importante para a compreensão da evolução do corpo humano pode ser encontrada em Fonseca (1998), que aborda a questão da constituição da motricidade humana. Partindo de uma exposição das formas mais

primitivas de vida que originaram o homem, o referido autor focaliza com detalhes o que denomina Antropomorfismo, ou seja, a estrutura e modo de funcionamento característico dos hominídeos.

Podemos dizer que, no desenvolvimento da nossa espécie, alguns pontos são de extrema importância: a aquisição da postura vertical, a marcha, a libertação da mão e a linguagem.

Segundo Ferreira et al (2000) as transformações anatômicas nas espécies surgiram por aquisição de novos comportamentos e, em contrapartida, os novos comportamentos as especializaram. Esses fenômenos acabaram criando sucessivas inovações biológicas que possibilitaram o desenvolvimento de características morfológicas específicas em cada espécie. Tais experiências naturais produziam múltiplos sistemas anátomo-funcionais dentro das funções orgânicas de determinados grupos de animais, gerando padrões comportamentais cada vez mais complexos e sofisticados.

De acordo com Fonseca (1998), a preensão manual implica a libertação da mão em relação à cintura escapular, a rotação do rádio e da ulna, a mobilidade independente dos dedos, originando, conseqüentemente, uma maior dissociação entre as falanges e o metacarpo e entre este e os ossos do carpo. A preensão é garantida através da oponibilidade do polegar em relação aos restantes dígitos. A preensão possibilita a manipulação de objetos e a fabricação de instrumentos.

O autor faz uma relação com a libertação dos membros superiores com o desenvolvimento da musculatura peitoral e deltóide, uma modificação no formato do tórax, trazendo como conseqüência alterações na função cardio-respiratória e uma maior mobilidade do diafragma.

Fonseca (1998) diz que a mão passa a ser utilizada para a preparação alimentar, apanhando e separando a comida antes de introduzi-la na boca, diminuindo, conseqüentemente, a função do prognatismo. A redução do prognatismo introduziu alterações morfológicas cujo produto reverteu na expansão do sistema nervoso central. Esta redução, associada à recessão dos maxilares, transformou radicalmente a cavidade nasal, reduzindo-a consideravelmente e subtraindo-lhe todos os filamentos da mucosa nasal, que está relacionada com os centros receptores e integradores do sistema olfativo no cérebro. Logo a redução e a

aparência externa da região nasal do crânio correspondem a uma superação do sentido visual sobre o sentido olfativo, razão explicativa da dominância da visão em relação aos outros sentidos.

O autor enfatiza a base do desenvolvimento perceptivo-motor tem relação com as oscilações visomotoras (por exemplo: quando se acompanham movimentos no ambiente com o olhar) que colocam a integração visual como fator importantíssimo da motricidade. Esta importância decorre da complexidade do processo de integração das informações envolvidas no controle visual do movimento.

A mão dispõe, agora, de funções de palpação, discriminação tátil e de uma complexidade de funções preensivas, como por exemplo: apanhar, segurar, bater, riscar, catar, lançar, puxar, empurrar, etc.

Ainda citando o autor, a mão, como órgão de apropriação e relação com o real, vai ser um dispositivo fundamental ao desenvolvimento psicológico da criança. No Homem, a mão assume a função de construção, de transformação e de fabricação, surgindo como o instrumento corporal privilegiado e materializado da evolução cerebral.

A área do córtex motor que representa a mão e a face é bem extensa, mostrando a importância das mesmas (trabalho e comunicação).

Outra aquisição filogenética da motricidade segundo Fonseca (1988) diz respeito aos pés dos homens, que também sofreram modificações que têm a ver com a postura bípede e a marcha: os metatarsos são curtos e diretos, o pé humano tem um arco longitudinal idêntico aos primatas, mas é único quanto ao arco transversal, devido aos ligamentos e aos ossos do tarso, que suportam antigraviticamente o peso do corpo.

Ferreira et al (2000) relatam que com a aquisição da postura bípede, ocorreu progressivo crescimento em leque das regiões cerebrais: frontal, parietal e temporal, permitindo o desenvolvimento simultâneo dos centros neuroanatômicos de linguagem, expressão facial e atividade motora manual.

Fonseca (1988) coloca que Homem possui três cérebros filogeneticamente reconstruídos e recombinaos (reptiliano, paleomamífero e o neomamífero ou neócortex). O reptiliano é o primeiro na hierarquia, nele encontramos as estruturas

responsáveis pelas funções biológicas vitais e as funções do sono, vigilância, atenção e alerta. Está relacionado com as respostas reflexas, que seguem este desenvolvimento: dos invertebrados aos vertebrados, e, dentre estes, dos peixes ao Homem.

O cérebro paleomamífero possibilita a sensibilidade protopática e inclui o sistema límbico, que estão envolvidos com comportamentos de sobrevivência e reprodução.

O neocórtex é o responsável pela sensibilidade epicrítica ou gnósica e pela programação da motricidade voluntária e da linguagem, permitindo: a manipulação dos objetos, as praxias, o pensamento lógico e quantitativo, a simbolização e a conceptualização, a resolução de problemas, o reconhecimento de experiências e acontecimentos, o julgamento social e a tomada de decisões, isto é, todos os comportamentos humanizados (Fonseca, 1998).

Mediante ao desenvolvimento do cérebro é que podemos entender a aprendizagem, a fabricação de instrumentos e a própria linguagem. Todas essas aquisições exigem uma organização e planejamento do cérebro. Para cada ação há uma programação numa seqüência organizada num espaço/tempo determinado.

Pensando assim, Fonseca (1998) acrescenta que, para que ocorra a aprendizagem, é necessário que se estabeleça uma conexão entre estímulos (ou situação) e respostas (ou ação-conduta), da qual resulta a percepção, só possível pela capacidade seletiva da atenção, ou seja, a concentração em estímulos sensoriais relevantes, eliminando ou inibindo os estímulos irrelevantes. E ele ainda diz que da combinação entre ação exterior e a consciência (ação interior), emerge, “tijolo a tijolo”, a experiência sensório-motora que vai construindo o “edifício”. Às ações manuais correspondem ações cerebrais, às coordenações gestuais correspondem coordenações cerebrais, que equacionam um conjunto de operações practognósicas, que mais não são do que o diálogo entre a ação e a consciência, entre a mão e o cérebro. A interação vista como ponto de partida para a edificação do pensamento conceptual.

Partindo de uma visão epistemológica funcionalista, na qual se admite a total influência dos estímulos exteriores sobre a produção de respostas condicionadas pelos estímulos, acrescento outras concepções que avançam e complementam

essa, no que se refere a relação que se estabelece entre o sujeito que conhece e o objeto do conhecimento, o que sem dúvida é importante ingrediente para o desenvolvimento da aprendizagem humana e de suas possíveis alterações.

Sempre que nos referimos à linguagem, devemos ter em mente os aspectos orgânico e social, uma vez que um interfere no outro.

Com a possibilidade de manusear objetos, criar instrumentos para sua sobrevivência, além de se apropriar e controlar a realidade, o Homem com a atividade psíquica (possibilidade de transformação da natureza em algo novo, modificando assim o grau de sua consciência), cria o trabalho, a organização social e, conseqüentemente, a linguagem e, porque não dizer, a própria cultura.

Franco (mimeo) explica melhor a atividade psíquica quando diz:

“Assim, o homem, não apenas transforma a natureza da qual se apropria, mas também se reconhece no objeto transformado. Objeto que traz a marca da idéia, consciente e deliberada de seu produtor. Inicia-se, então, a busca de explicações para o desenvolvimento do psiquismo e para a atividade psíquica”.

A mesma autora salienta a importância da influência das condições externas e históricas, que são materiais, sociais e culturais, no desenvolvimento da atividade psíquica, e, por outro lado, deve-se prosseguir levando em conta o caráter interativo desta influência, para um real entendimento da origem psíquica.

Os instrumentos utilizados pelo homem, com o decorrer dos tempos, originaram a formação do aparecimento de sinais, aos poucos estes foram progredindo para pequenos símbolos até chegar na linguagem como conhecemos mudando com isso a relação do Homem com a realidade. Com a linguagem está edificado o primeiro passo para a cultura.

Com o surgimento do trabalho, houve uma expansão no córtex cerebral, possibilitando outros tipos de experiência.

Não podemos deixar de verificar que, na evolução da espécie humana, fatores biológicos e sociais determinam-se reciprocamente. Sendo assim, no trabalho não seria diferente, nele encontramos questões corporais e sociais.

Para entendermos sobre o desenvolvimento da criança é necessário um conhecimento antropológico do ser humano, o que implica em conhecer suas origens e a sua totalidade.

Uma frase de Tobias (1971) citado por Fonseca (1998, p.110) representa bem o que estamos tratando: "A evolução cultural é incompreensível sem o desenvolvimento do cérebro, as modificações mútuas são filogeneticamente e ontogeneticamente indissociáveis, na medida em que a sobrevivência passou a ser subordinada à cultura".

Resumindo algumas idéias sobre o desenvolvimento neuropsicomotor segundo Fonseca (1998), o desenvolvimento neuropsicomotor só acontece se há interação com um meio condizente, a criança precisa de uma mediatização adequada para poder se desenvolver. Este desenvolvimento é o produto final de vários fatores neurobiológicos. Primeiramente, haverá o desenvolvimento da unidade de vigilância, que é responsável pela tonicidade postural e atencional, consubstanciando a conquista proprioceptiva e vestibular da postura bípede, a segurança gravitacional e o conforto tátil a ela inerente. Depois, é a vez das áreas sensoriais e motoras primárias, com que manipulará, com a praxia fina e a visão binocular, o ambiente objetual e afetivo, apropriando-se duma noção de corpo e duma estabilidade emocional e interativa que culminam na ontogênese da comunicação não-verbal. Posteriormente, ocorrerá o desenvolvimento das áreas sensoriais e motoras secundárias (linguagem falada), em seguida as sensoriais terciárias (autoconfiança) e, por último, o desenvolvimento das áreas motoras terciárias de planificação frontal, onde conquista a linguagem escrita, a capacidade de pensamento e de raciocínio, a concentração e a especialização do corpo e do cérebro, para se orientar cognitivamente no sentido da aprendizagem de uma cultura social complexa.

Podemos dizer que Fonseca (1998) salienta a visão social e cultural do homem, ele faz uma ponte entre o orgânico e o cultural, mas é na abordagem de Daolio (1995) que encontramos um aprofundamento sobre esta questão. Daolio (1995) nos dá ferramentas para entender melhor esta construção cultural do corpo.

O conhecimento da construção cultural do corpo humano é um aspecto muito importante, pois vai nos acrescentar um outro olhar para ver o homem.

Segundo Daolio (1995), pesquisadores dizem que o primeiro homem estaria no limite entre o máximo desenvolvimento biológico dos australopitecos e a atitude cultural primeira do homo sapiens.

Esse ser seria um homem “cru”; sem qualquer influência cultural anterior ao desenvolvimento social.

Daolio (1995) acredita que a cultura seria uma das ferramentas para um melhor desenvolvimento do sistema nervoso. Por isso, podemos dizer que o homem não é só biológico, uma vez que o aspecto social é relevante no nosso desenvolvimento; e não nos esqueçamos da parte da mente. Logo, o homem deve ser visto numa dimensão bio-psico-social.

Daolio (1995) faz uma citação de Geertz (1989, p.61), que ressalta a importância da cultura na construção do corpo humano: “(...) nós somos animais incompletos e inacabados que nos completamos e acabamos através da cultura – não através da cultura em geral, mas através de formas altamente particulares de cultura (...)”.

É a cultura que vai dar o caráter de ser humano na espécie animal, uma vez que o que distingue o homem do animal é a linguagem, além dele ser social, viver em grupos. Através dela estabelecemos interações, aprendemos hábitos, costumes, valores da cultura em que estivermos vivendo.

O corpo faz parte desta construção cultural que transmitimos e continuaremos transmitindo, cada cultura lida de forma diferente com o corpo. Cada sociedade pode estimular ou reprimir o expressar do corpo, ela vai traçando informações, regras que o corpo vai assimilando e, com isso, vai interferir nas maneiras de agir do ser humano, fazendo com que ele venha a ter comportamentos característicos desta sociedade.

Daolio (1995) relata que os exemplos, sobre as diferenças culturais expressas por meio do corpo são esclarecedores. Pode-se adivinhar, com bom índice de acerto, a origem de determinado indivíduo observando-se à distância sua gesticulação, sua forma de andar, sua postura corporal. As aptidões motoras também fazem parte do processo cultural. Ainda citando o autor, ele coloca que o que define o corpo é o seu significado, o fato de ele ser produto da cultura, ser

construído diferentemente por cada sociedade, e não as suas semelhanças biológicas universais.

Mediante esta definição, podemos dizer que todas as ações feitas no corpo refletirão na sociedade em que ele estiver inserido. Logo, todas as áreas de trabalho relacionadas com questão sócio-cultural devem dar mais atenção para este enfoque do corpo.

Daolio (1995) enfatiza o trabalho de Mauss (1974), onde este define técnica corporal como sendo as maneiras como os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos. Ele deu ao corpo o “status” de fato social (cultural) podendo ser visto como algo a ser transmitido a outras gerações através de símbolos (movimentos).

Os estudos de Marcel Mauss foram muito importantes para esta nova perspectiva do corpo - fato social do símbolo - pois símbolos como andar e correr ganham um valor e possuem características como os símbolos religiosos, uma vez que é por meio dos símbolos que a tradição vai sendo transmitida com o decorrer dos anos. De acordo com Canongia (1990), antigamente havia uma visão restrita de corpo: ele estaria num espaço estruturado com seu eixo e com três planos do espaço, um corpo que serve de referência, permitindo se organizar o mundo exterior, no plano do tempo e do espaço, um corpo que tem um certo número de propriedades, de faculdades, que por meio da psicomotricidade, trata-se de desenvolver de um modo sistemático ou de reparar faculdades de equilíbrio estático e dinâmico, de coordenação óculo-manual, de estruturação espaço temporal.

Concluo com uma afirmação de Geertz (apud Daolio,1995, p.36): “Tornar-se humano é tornar-se individual, e nós nos tornamos individuais sob a direção dos padrões culturais, sistemas de significados criados historicamente em termos dos quais damos forma, ordem, objetivo às nossas vidas”. E complemento com outra citação de Daolio (1995) “(...) individualidade esta que se concretiza no e por meio do corpo”.

2. Ontogênese

O desenvolvimento do corpo na vida individual tem sido amplamente estudado na Biologia e nas ciências que embasam a Medicina - como a Anatomia, a Fisiologia, a Cinesiologia. Além disto, o surgimento e desenvolvimento da Psicologia, no séc. XIX, como área de conhecimento científico, coloca a visão de corpo num contexto mais abrangente - o desenvolvimento humano individual, entendido e focalizado a partir da observação sistematizada do comportamento e da conduta. Assim sendo, passo a apresentar uma síntese de algumas vertentes de pensamento presentes na Psicologia e dela derivadas com aplicações a problemas específicos. Interessa-me, especialmente, a forma pela qual o corpo é considerado em cada uma dessas vertentes.

2.1. Abordagem Gestáltica

O criador da terapia Gestáltica foi Frederick S. Perls. A abordagem gestáltica está mais voltada a uma prática da psicoterapia do que a um referencial teórico específico. Perls nos parece ter se preocupado mais com a prática do que com a teoria, porém não descarta a importância da teoria.

A palavra alemã “Gestalt” não possui tradução exata em nosso idioma, mas corresponde, aproximadamente, às palavras “forma”, “figura”, “configuração” ou “estrutura”.

A teoria da Gestalt surgiu em decorrência da discordância da compreensão dos fatos através da análise dos elementos de uma experiência. Nesta nova linha, o todo é que deveria ser a referência, as interações e as interdependências existentes no todo é que são significativas.

A Gestalt, além de contribuir com a visão das interações e as interdependências das partes do todo, também ajudou no que diz respeito às maneiras como o organismo pode se adaptar para conseguir uma melhor organização e equilíbrio.

Seguidores dessa linha, Köhler e Koffka desenvolveram pesquisas sobre a percepção e estes estudos os levaram aos conceitos de figura e fundo.

A questão da figura - fundo está relacionada com o grau de interesse que tem o organismo. O foco que lhe chama mais atenção é a figura e o restante é o fundo. Portanto, a percepção que o sujeito tem de uma dada situação depende daquilo que ele elege como foco, ou seja, como figura.

Perls possuía uma visão holística do funcionamento do organismo, ou seja, o indivíduo e o meio não são unidades distintas, elas estão sempre em interação. Para ele não há diferença entre as atividades físicas ou mentais, no organismo há uma unificação de ambas.

Fadiman (1986:133) coloca que:

“Esta concepção do comportamento humano consistente em níveis de atividade levou Perls a sugerir que qualquer aspecto do comportamento de um indivíduo pode ser considerado como uma manifestação do todo - o ser da pessoa. Assim, na terapia, o que o paciente faz - como ele ou ela se movimenta, fala e assim por diante - fornece tanta informação a seu respeito quanto o que ele ou ela pensa ou diz”.

Perls acredita que, para haver crescimento, é necessário uma busca da conscientização e estar atento para suas preferências, para poder agir sobre elas. Ele prioriza mais o material explícito do que o que está reprimido.

Há uma citação em Fadiman (1986:135) que mostra bem o pensamento de Perls:

“Eu acredito que esta é a grande coisa a ser compreendida: a tomada de consciência em si - e de si mesmo - pode ter efeito de cura. (Perls, 1969a, p.34 na ed.bras.)”

Ele ressalta a importância da emoção para qualquer ação, e que por isso ela pode modificar o funcionamento do organismo (ex: alteração muscular - tensão). Além disso, coloca a necessidade do aspecto social (relação) como condição de sobrevivência do organismo.

Frederick Perls (1986) dizia que o corpo é o retrato fiel do que somos, e que poderíamos aprender muito sobre si, caso nós observássemos nossos comportamentos (físicos – postura, respiração, movimentos).

2.2. Abordagem Comportamental

A abordagem comportamental está mais relacionada com os dados comportamentais observados, para que seja possível descrever minuciosamente, classificar os comportamentos. O foco desta abordagem é a observação em si e não suas relações.

A ênfase é maior no comportamento, no condicionamento o relacionamento social não é tão significativo.

Fadiman (1986) coloca que estudiosos como B. F. Skinner lidam com o comportamento manifesto, com dados observáveis. Logo o corpo tem muita relevância nos estudos de Skinner, já que todos os seus movimentos podem ser observados.

No behaviorismo, há uma preocupação com o comportamento em si (behavior- termo em inglês que quer dizer comportamento), na sua observação, para buscar a ordem, a uniformidade das relações existentes nele. Há a possibilidade de mensurá-lo através de instrumentos de medida. Quando referir-me a comportamento, quero dizer o conjunto de atitudes e reações do indivíduo em face do meio social em que vive.

Segundo esta linha, funcionamos através de condicionamentos (modelagem de comportamento), mais precisamente, o condicionamento operante. Este tipo de condicionamento enfoca tanto o estímulo (qualquer força que provoque a atividade do nosso organismo) que é dado para se ter uma resposta, como o que vem depois da resposta, o reforço.

Através de várias pesquisas pode-se dizer que o condicionamento operante pode ocorrer e ocorre sem consciência, ele se mantém a despeito da consciência, e enfim ele é mais eficaz quando o sujeito tem consciência.

Nesta abordagem, pouca atenção é mostrada no que se refere ao aspecto social (relação). O que o behaviorismo salienta é a importância da linguagem verbal

como papel em modelar comportamentos. Exemplo: num bate-papo você fala e recebe o retorno do seu ouvinte. Porém, a volta que você recebe é em função não apenas daquilo que você disse, como também da forma como o ouvinte percebeu.

Skinner não focaliza a emoção como sentimento, como algo interno, mas sim como um comportamento que pode ser descrito.

Fadiman (1986:201) comenta que:

“O corpo é aquilo que se comporta. Comportamento é tudo o que pode ser observado e tudo o que responde à mudança em contigência de reforçamento. Outros processos ocorrem simultaneamente aos observáveis. Na medida em que novos métodos nos permitem observar estes processos, eles podem ser considerados como qualquer outro comportamento”.

2.3. Abordagem Bioenergética

A bioenergética também é conhecida como terapia neo-reichiana. Discípulo de Reich, Lowen (1986) fundou a Bioenergética, que tem por objetivo interferir sobre processos físicos, emocionais e intelectuais a partir do trabalho corporal. Nessa concepção, o corpo é o foco principal na análise do caráter. Lowen utiliza posições de tensão para que o indivíduo, em função desta tensão muito forte, relaxe couraças musculares. As partes do corpo que são mais enfatizadas neste trabalho são as pernas e a pélvis (dão suporte ao ego corporal).

Lowen resume assim o ponto fundamental da bioenergética: “Começamos com as pernas e os pés, pois estes são a base e o suporte da estrutura do ego. Entretanto, têm outras funções, é através de nossos pés e pernas que mantemos contato com a única realidade invariável em nossas vidas, a terra ou o solo” (Lowen, apud Fadiman, 1986, p.107).

Lowen (1995) tem uma visão mais psicológica sobre postura; considera-a uma representação das emoções. A postura retrataria nossos sentimentos inconscientes. Ele descreve vários tipos de caráter de acordo com a postura e a maneira como a pessoa se movimenta, quais são os bloqueios energéticos e

tensões musculares. Lowen verificou que os bloqueios e tensões diminuem a sensibilidade e a flexibilidade do corpo. Os caracteres descritos por ele são: caráter oral, masoquista, histérico, fálico narcisista, esquizofrênico e esquizóide.

Definindo o caráter, teremos condições de interpretar melhor o que está se passando com o indivíduo e assim podemos agir sobre as tensões e rigidez existentes.

No caráter oral, o peso do corpo está sobre os calcanhares, enquanto na estância natural está distribuído por todo o pé. Quando digo estância natural seria a posição mais adequada.

No caráter oral, as costas estão encurvadas, os ombros caídos, e a cabeça está mais à frente, assim como as nádegas e a pélvis. Na estância natural, as costas são retas e a pélvis levemente para trás.

Os ângulos de compressão, na estância natural, são agudos, enquanto no caráter oral são obtusos. O primeiro imprime ação, o segundo passividade.

A função de suporte e locomoção nas extremidades inferiores depende de contato com o chão. No caráter oral, a fraqueza das extremidades inferiores impede o desenvolvimento da independência e agressividade essenciais ao funcionamento do adulto maduro.

O caráter masoquista força a pélvis para frente, não pode balançá-la. Faz isso comprimindo as nádegas uma contra a outra e contraindo a musculatura abdominal. Características do caráter masoquista: abandona-se ao sentimento de abatimento, tensão nos músculos da barriga da perna e na frente da coxa, reclama de uma pressão interior, pescoço curto, as costas tendem a ser arredondadas, comportamento atáxico no movimento, falta de independência, não mostra sinais de privação, agressão bloqueada impede a expressão da ternura, severa tensão no pescoço, desconfiado. Ele deve expressar seus sentimentos negativos (odeio você, eu não vou fazer).

O masoquista busca a realidade, mas com uma tal quantidade de dúvidas que o gesto é anulado antes de atingir seus objetivos.

Enquanto o caráter oral é caracterizado por “Eu não consigo” inconsciente, o masoquista é determinado pelo “Eu não vou fazer” inconsciente.

No caráter histérico, há um comportamento caótico, dramatização, crises emocionais irracionais, a sexualização de todos os relacionamentos não sexuais através da sugestão, fixação na fase genital do desenvolvimento infantil, com suas ligações incestuosas, cisão entre as metades inferiores e superiores do corpo, imobilidade de ombros.

O caráter fálico narcisista é marcado pela rigidez. Geralmente, as pessoas com o caráter fálico são autoconfiantes, arrogantes, rebeldes, desafiadoras, apresentam sucesso profissional, face com traços angulosos, coragem agressiva, ombros enrijecidos, costas eretas, possuem impulsos muito fortes, sexualmente atraentes ao sexo oposto. Reforçam seus atos, vangloriam-se de suas conquistas. Esta rigidez presente diminui a flexibilidade do organismo, no que diz respeito ao corpo/mente, uma vez que o fluxo de energia não flui harmonicamente.

Os caracteres esquizofrênico e esquizóide se diferenciam, em sua maior parte, apenas na questão do grau. Eles são bem semelhantes.

Características envolvidas nestes caracteres: praticamente o indivíduo não tem mecanismo de defesa do ego, a agressividade é vista como sobrevivência, sua determinação é variável, não tem controle sobre suas reações, é criativo, falta expressão nos olhos, falta controle da coordenação motora (movimento expressivo), a cabeça, contraída e tensa, parece que não está presa ao corpo.

Lowen (1995) diz que enquanto o esquizofrênico, apartado da realidade, sofrerá de despersonalização, o caráter esquizóide mantém a unidade entre mente-corpo por um fio. Emprega o seu corpo do mesmo modo como usa um automóvel. Não tem a sensação de que ele é o seu corpo; ao contrário, sente que o corpo é a moradia de seu self sensível e intelectual.

É necessário um trabalho com as sensações cinestésicas, ir à busca do alcance do movimento expressivo, enfim, enfocar o ego corporal.

Devemos dizer que desde que a frustração é e será uma experiência de vida, a habilidade para se enrijecer e enfrentar a frustração é uma reação defensiva, natural do organismo. Só se torna patológica quando se torna caracterológica, ou seja, quando passa à categoria de única resposta, da qual o indivíduo é capaz.

Keleman (1992) tem uma teoria semelhante à de Lowen. Ele propõe que adquirimos uma estrutura, de acordo com as pressões a que somos expostos e esta

estrutura determina as nossas respostas frente às situações da vida. Esta estrutura pode ser rígida, inchada, densa ou em colapso.

Farei um breve resumo das características das estruturas segundo Keleman (1992), uma vez que acredito que assim fique mais fácil visualizá-las e melhor entendê-las.

Características do sujeito com estrutura rígida: pescoço alongado, dominador, tem medo de rejeição, controlador, desafiador, tem necessidade de poder, agressivo, solitário, conservador. A postura emocional pode ser simbolizada pela palavra “não” ou pela expressão “quero ser reconhecido”, ou ainda “sou maior que você”.

Keleman (1992) relata que o sujeito, com este tipo de estrutura precisa ser estimulado a questionar suas ações, eliminar o retesamento, aprender a ceder, a alongar-se, a buscar.

Características do sujeito com estrutura inchada: dificuldade de enfrentar desafios, imaturidade, simulador, manipulador, pretensioso, narcisista, indeciso, falante, solidário. A postura emocional estaria representada nas frases: “pegue-me”, “dê-me espaço”, “deixe-me” chegar perto de você. Este sujeito necessita buscar o encontro com sua identidade para dar vazão às pressões existentes.

Características do sujeito com estrutura densa: impotente, contenção, pescoço curto, não tem iniciativa, desconfiado, teimoso, baixa estima, retraído, servil. Nesta situação, devemos explorar movimentos de pulsação para fora, alongar, ser assertivo. A postura emocional neste tipo estaria ligada às expressões: “não me humilhe”, “não posso”.

Características do sujeito com estrutura em colapso: dependente, apático, fraqueza, obediente, dominado, resignado, falta suporte. A postura emocional, neste caso, diria: “não posso”, “dê-me suporte”. Na estrutura em colapso, o sujeito precisa ser incentivado, estimulado no que diz respeito a sua auto-estima, para depois lidar com as demais pressões.

Para poderem superar suas dificuldades, pessoas com essas estruturas necessitam, entre outras coisas, buscar o desenvolvimento da flexibilidade, que pode ser alcançado através de jogos e técnicas corporais. Uma ilustração desses tipos pode ser vista no anexo.

2.4. Abordagem Psicomotora

Na visão psicomotora, o corpo e a mente fazem parte de um todo, não há dualidade. Eles estão tão entrelaçados que fica difícil diferenciá-los.

Fonseca (1998) vê o corpo e a mente como uma unidade, e não como dicotomia mente-corpo. Ele salienta a importância do movimento para a evolução da inteligência.

Segundo Wallon (1979), a psicogênese da motricidade se confunde com a psicogênese da pessoa, e a patologia do movimento com a patologia do funcionamento da personalidade.

De acordo com Vayer (1984:10): “O corpo não é nem símbolo, nem objeto ou instrumento, ele subentende a presença no mundo”. Ele valoriza a atividade corporal na atividade educativa e a coloca como a linguagem fundamental na comunicação criança-mundo.

Já para Oliveira (2002:47):

“O corpo é sua maneira de ser. É através dele que estabelece contato com as entidades do mundo, que se engaja no mundo, que compreende os outros.....O corpo deve ser entendido não somente como algo biológico e orgânico que possibilita a visão, a audição o movimento,mas também um lugar que permite expressar emoções e estados interiores”.

De acordo com Dantas (1992), para Wallon, no antagonismo entre o ato motor e ato mental temos possibilidade de obter crescente domínio dos signos culturais. Durante o desenvolvimento da criança, a expressão da dimensão cinética da motricidade – ou seja, a movimentação objetiva do corpo - tende a se reduzir, a se virtualizar em ato mental.

Para Wallon (1979), o ato mental pode existir graças ao ato motor. A motricidade, para ele, começa pela atuação sobre o meio social, antes de poder modificar o meio físico. O contato com este, na espécie humana, nunca é direto, é

sempre intermediado pelo social, tanto em sua dimensão interpessoal quanto na cultural. Para ele, há uma construção simultânea do sujeito e do objeto, assim como da afetividade e da inteligência - eles alimentam-se mutuamente.

Dentro da sua proposta, Wallon valoriza muito a dimensão afetiva, relacionada com a construção, tanto do sujeito quanto do conhecimento. A emoção seria o primeiro “canal” de contato do ser com outros, por isso teria um caráter social.

Mediante as idéias de Wallon (1979), a consciência afetiva é a forma pela qual o psiquismo emerge da vida orgânica - corresponde à sua primeira manifestação. Pelo vínculo imediato que instaura com o ambiente social, ela garante o acesso ao universo simbólico da cultura, elaborado e acumulado pelos homens ao longo da sua história. Dessa forma, é ela que permitirá a tomada de posse dos instrumentos com os quais trabalha a atividade cognitiva. Neste sentido, a consciência afetiva dá origem à atividade cognitiva.

Em outras palavras, o psiquismo é uma síntese entre o orgânico e o social.

Wallon também enfatiza a questão orgânica. Neste aspecto, explica que a emoção envolve centros corticais (involuntário/incontrolável). Com a maturação do córtex, a emoção pode ser influenciada por processos cognitivos. Analisando os componentes fisiológicos, as alterações viscerais e metabólicas que ocorrem paralelamente à emoção, verificam-se também flutuações do tônus muscular, seja o das próprias vísceras, seja da musculatura superficial.

Dantas (1992) relata que, para Wallon, toda alteração emocional é acompanhada de uma flutuação tônica; modulação afetiva e modulação muscular acompanham-se estreitamente.

Com relação ao papel do tônus, Wallon utiliza-o para classificar a emoção: emoções de natureza hipotônica (tônus reduzido), como susto e depressão, em que o corpo fica igual uma boneca de trapos; emoções de natureza hipertônica (tônus aumentado), como raiva, em que o corpo fica igual a uma pedra.

Nas idéias de Wallon, para Dantas (1992), fica claro que a emoção traz consigo a tendência para reduzir a eficácia do funcionamento cognitivo, mas isto depende da capacidade cortical para retomar o controle da situação.

Dantas (1992) afirma que a emotividade é diretamente proporcional ao grau de inaptidão, de incompetência, de insuficiência de meios. Na vida adulta, ela tende a surgir nas situações para as quais não se têm recursos, nas circunstâncias novas e difíceis. Ainda citando a autora, a emoção esculpe o corpo, imprime-lhe forma e consistência. Na teoria de Wallon, distinguem-se 3 grandes momentos no desenvolvimento da afetividade: afetividade emocional ou tônica, afetividade simbólica e afetividade categorial.

Para Dantas (1992), nos momentos predominantemente afetivos do desenvolvimento o que está em primeiro plano é a construção do sujeito, que se faz pela interação com outros sujeitos; naqueles de maior peso cognitivo, é o objeto, a realidade externa, que se modela à custa da aquisição das técnicas elaboradas pela cultura. Ambos os processos são, por conseguinte, sociais, embora em sentidos diferentes: no primeiro, social é sinônimo de interpessoal; no segundo, é o equivalente de cultural.

De acordo com Oliveira (2002: 27):

“A boa evolução da afetividade é expressa através da postura, das atividades e do comportamento. Podemos transmitir sem palavras, através de uma linguagem corporal, todo o nosso estado interior. Transmitindo a dor, o medo, a alegria, a tristeza e até o nosso conceito de nós mesmos. Uma criança, por exemplo, que não acredita muito em si, tem a tendência de se “envolver”, isto é, de manter seu corpo em estado de tensão quando se sente ameaçada.”

Le Bouch (1998) ressalta a importância de um trabalho psicomotor antes do aprendizado formal de leitura/ escrita, assim como dá ênfase ao domínio da imagem do corpo, que cada um adquiriu mediante suas experiências táteis, visuais,

auditivas, olfativas e cinestésicas. Existe uma relação simultânea entre a representação do espaço e a imagem corporal. Há uma necessidade de se vivenciar situações bem dominadas no tempo e no espaço, para que se possa estruturar a noção espaço-temporal. Outro tópico interessante abordado pelo mesmo autor está relacionado ao medo. Ele diz: “Todo medo ocasiona reações de enrijecimento que comprometem as reações reflexas de equilíbrio. As regulações posturais e de equilíbrio estão constantemente implicadas na coordenação dinâmica geral” (p. 135). Novamente verificamos como a emoção interfere no corpo e vice-versa.

* * *

Podemos verificar que tais abordagens da ontogênese têm características próprias. A abordagem gestáltica lida com o processo que estrutura a percepção, não se preocupa com o inconsciente, ela enfatiza o “aqui e o agora”, como este ser se percebe. Logo, o corpo tem uma certa importância, pois é através dele que podemos perceber. Já na abordagem comportamental, o corpo é o veículo da observação, ou melhor, ele é o próprio foco. Ela trabalha com o comportamento e este está expresso no corpo.

A Bioenergética trabalha mais diretamente com o corpo. O padrão patológico (por exemplo, a tensão crônica) pode fixar-se em função das couraças musculares. Explicando melhor, o sujeito tem uma tensão crônica, não consegue resolvê-la, cria couraças musculares para se proteger. Tratar a tensão sem mexer nas couraças não é possível. Primeiro, será necessário dissolvê-las, para depois se atingir a tensão psicológica. O processo psicológico depende do corpo.

A abordagem psicomotora tenta resgatar a totalidade psique/ corpo. Não há diferenciação entre os aspectos fisiológicos e psicológicos.

Dentre todas as abordagens, a que vem mais ao encontro de minhas idéias e experiência é a psicomotora, Wallon conseguiu fazer uma síntese apropriada do sujeito, porque ele o redimensiona numa visão biopsicossocial. O sujeito, no contato corporal com o meio, estabelece vínculos sociais, o que lhe dá acesso à construção da função simbólica. Com a função simbólica desenvolvida, capaz de pensamento e linguagem, o sujeito passa a participar das relações sociais e a viver de forma

qualitativamente diferente, participando da construção da cultura e da sociedade em que se constituiu.

CAPÍTULO II

CORPO E APRENDIZAGEM

Neste capítulo, pretendo abordar a relação entre corpo e aprendizagem. Num primeiro momento, sob o ponto de vista da abordagem psicomotora e, num segundo momento, numa perspectiva bioenergética. Escolhi estas abordagens porque entendo que dão uma abrangência maior ao significado do corpo.

RELAÇÕES ENTRE O DESENVOLVIMENTO PSICOMOTOR E A APRENDIZAGEM

Como o presente trabalho trata de relações corporais e aprendizagem, farei uma retomada do desenvolvimento psicomotor para um melhor desenvolvimento e entendimento do mesmo.

Ao nascer, nem todas as estruturas estão definidas, há aquelas que necessitam de situações propícias para que o seu desenvolvimento ocorra.

No sistema nervoso, encontramos estruturas que são estimuladas de acordo com as experiências vividas.

Os receptores exteroceptivos (órgãos dos sentidos), propioceptivos (músculos, tendões, articulações) e os interoceptivos (vísceras) são os responsáveis pelos impulsos que chegam ao sistema nervoso central, transmitindo assim informações que eles captaram. Quanto maior o número de informações, maior o número de sinapses (encontro entre neurônios) que se formam, portanto maior liberação de neurotransmissores (mediadores químicos), conseqüentemente a aprendizagem será maior.

De acordo com Oliveira (2002:20):

“Aprender, neurologicamente falando, significa usar sinapses normalmente não usadas. O uso, portanto, de maior ou menor número de sinapses é o que condiciona uma aprendizagem no sentido neurológico”.

A psicomotricidade está vinculada ao movimento e este tem relação com o tônus muscular que, por sua vez, tem ligação com as emoções.

Fonseca (1995) diz que antes de o movimento ser observável, há uma grande elaboração interior que representa a manifestação de uma intenção. Essa intenção é que dá à motricidade uma função social e uma função psíquica intrínseca. O movimento organiza o pensamento até ele superar a própria motricidade, para depois o pensamento elaborar o próprio movimento, ou seja, o movimento gera o pensamento, mas, por reduplicação, o movimento passa ser organizado pelo pensamento. O cérebro diz ao corpo o que fazer, mas as sensações do corpo permitem ao cérebro fazer o que disse.

No desenvolvimento normal é esperado que o bebê, no início, levante a cabeça, role, sente, engatinhe e, por fim, ande. O desenvolvimento motor é cefalocaudal (se dá da cabeça para a região inferior da coluna vertebral). O controle dos músculos do pescoço é adquirido antes do controle dos músculos do tronco e o controle dos braços ocorre antes do que o das pernas.

Essas mudanças de posições possibilitam novas formas de ver o mundo e de adquirir conhecimentos, visto que seus campos visual e auditivo vão se ampliando.

A locomoção é o primeiro passo para a autonomia. Primeiro, o bebê só fica deitado, só tem noção do que está acima. Com o sentar e, depois, o andar ele tem condições de ter todos os tipos de noções espaciais (em cima, em baixo, dos lados e ao redor).

Le Bouch (1998) já enfatizava o domínio da imagem do corpo e como esta tem relação com as noções espaciais.

Para Wallon (1979), a imagem corporal evolui, devido a um amadurecimento neurológico e fisiológico do sujeito.

Esse amadurecimento vai depender das experiências vividas por cada um. De acordo com suas ações, o bebê obterá uma resposta que pode ser satisfatória ou não. É perfeitamente compreensível que uma criança muito ativa e que explora tudo que a cerca terá mais chances de adquirir um conhecimento maior, podendo elaborar mais rapidamente o seu esquema corporal.

O esquema corporal tem várias definições, mas segundo Oliveira (2002:52):

“O esquema corporal é uma construção mental que a criança realiza gradualmente, de acordo com o uso que faz de seu corpo. É um recurso e uma síntese de sua experiência corporal”.

À medida que a criança vai crescendo, vai sofrendo uma série de modificações nas proporções do corpo e até no seu metabolismo.

Na adolescência, podemos perceber como os membros superiores e inferiores são desproporcionais e há também a questão dos hormônios - o surgimento das espinhas é um exemplo de alteração hormonal. Estas mudanças afetam os adolescentes emocionalmente, pois surgem as dúvidas se serão aceitos nos grupos, se são gordos demais ou magros e outras questões que não são pertinentes.

Convém salientar como diz Oliveira (2002) que a evolução psicomotora infantil engloba, também, aprendizagem da leitura e da escrita. Para que uma criança consiga fixar atenção, ela deve ter domínio do seu próprio corpo e inibição voluntária. A autora diz (2002:43):

“Um dos aspectos que a experimentação do corpo todo favorece é a independência de braço em relação ao ombro, e a independência da mão e dos dedos, fatores decisivos de precisão da coordenação visomotora. A escrita necessita desta independência dos membros para se processar de maneira econômica, sem cansaço, e para que o indivíduo consiga controlar a pressão dos dedos (tônus muscular)“.

Logo, o escrever também necessita de um desenvolvimento neuro-psicomotor que envolve desde a independência de comando de ombro. Braço, antebraço e dedos, até uma integridade das funções psicológicas. Este fato mostra que a dissociação e o controle de movimentos são imprescindíveis para a aquisição da escrita.

Mas antes de pensarmos na escrita, devemos ter em mente que, anteriormente a ela, temos uma série de etapas, como o desenvolvimento da coordenação global que está relacionada com a capacidade de equilíbrio postural, uma vez que está vinculada a atividade dos grandes músculos. Como o corpo pode ter vários desdobramentos, comentarei sobre alguns aspectos orgânicos (músculos, respiração e postura) que diretamente ou não podem interferir na aprendizagem.

Mediante as experiências e sensações obtidas, o sujeito vai encontrando o seu eixo corporal e com isso o seu equilíbrio vai se aperfeiçoando.

Uma criança com hábito postural inadequado poderá ter uma série de complicações no seu desenvolvimento, já que o ponto de equilíbrio do seu corpo estará alterado. Crianças que ficam em “chiqueirinhos” ou em andadores podem ter problemas, pois no caso do “chiqueirinho” há uma limitação de espaço, conseqüentemente de movimentos. No caso dos andadores, se a criança não estiver madura, ou seja, firme, sua coluna ficará comprometida no futuro.

Os músculos são importantes para a manutenção da postura da coluna e eles são controlados pelo sistema nervoso advindo da medula espinhal. A medula espinhal é responsável pela ligação dos centros nervosos para as demais partes do corpo. Ela serve como transmissora de ordens, estando localizada num canal que é formado pela superposição das vértebras.

Em cada movimento do corpo sempre existe um par de músculos antagonistas entre si. Para cada músculo que estende uma articulação, há um outro que a flexiona, vai depender do movimento.

Os pulmões se expandem e contraem devido à intervenção dos movimentos respiratórios ativados pelos músculos da respiração. Na base, os pulmões estão em contato com o diafragma. O diafragma faz a junção entre a parte anterior e posterior do corpo. Se colocarmos as mãos na cintura, podemos verificar a movimentação lateral das costelas quando inspiramos o ar, e no abdômen notamos o movimento para frente e para trás (inspiração/expiração).

Uma postura que comprima o diafragma dificultará a respiração, pois o movimento dele é de cima para baixo.

A postura e a respiração estão correlacionadas. Para se ter uma melhor respiração, é necessário liberar as tensões de pescoço, nuca, costas e pés para haver uma soltura do diafragma. O diafragma está ligado ao pescoço pelo nervo frênico (inserção na quarta vértebra cervical que dirige -se ao tórax, onde inerva o diafragma). Qualquer movimento de cabeça altera tanto a forma do tórax quanto do diafragma.

A evolução da aprendizagem está relacionada a um complexo sistema de combinações das estruturas neurológicas que têm uma hierarquia para se sucederem.

Numa perspectiva psiconeurológica da psicomotricidade, segundo os estudos de Luria (1987) pode-se sistematizar funcionalmente o cérebro em três unidades: a primeira unidade compreende a substância reticular e o cerebelo, onde encontramos a regulação do tônus e a equilibração, que estão vinculados à postura. Essa unidade está relacionada com a função da emoção, da memória, unidade de atenção, de alerta auditivo (atenção aos sinais auditivos novos ou recentes). A segunda unidade é composta pelo córtex sensorial, localizada nos dois terços posteriores do córtex: lobos temporal, parietal e occipital. Nesta unidade é processada a informação, ela funciona como arquivo: detecta - identifica - codifica - discrimina e organiza a informação. É essa unidade que possibilita nos orientarmos no espaço. E a terceira unidade é formada pelos lobos frontais, é responsável pelo planejamento,

programação das ações e execução dos movimentos intencionais (praxia). É nela que se organiza a atividade consciente do ser humano.

Percebemos neste sistema funcional de Luria uma seqüência: uma entrada de atenção/alerta (unidade1), uma recepção sensorial (unidade 2) e finalmente o planejamento/ação voluntária (unidade 3). Embora tenham estruturas específicas e certa independência funcional, essas funções integram-se para possibilitar a aprendizagem e a ação consciente. Logo, se algo não processar de maneira adequada, haverá distorção na saída, prejudicando assim a aprendizagem.

Fonseca (1995) ressalta a função do corpo, assim como a localização tátil-cinestésica da fronteira do Eu, isto é, a integração do radar endopsíquico, pois é a partir daí que todas as relações com o meio são elaboradas. É necessário assinalar a importância da orientação do espaço intracorporal e do espaço extracorporal - o extracorporal do outro e o extracorporal do ambiente que são as relações que as crianças têm que construir, pois são fundamentais para o seu desenvolvimento cognitivo. As funções de projeção - introjeção no corpo do outro são funções de identificação social muito importantes.

Na medida que estamos falando de relações sociais podemos complementar estas idéias com Franco (mimeo) quando diz que é fundamental admitir a influência das condições externas e históricas que são materiais, sociais e culturais, no desenvolvimento da atividade psíquica, e, por outro lado, prosseguem levando em conta o caráter interativo desta influência, para um real entendimento da origem da atividade psíquica.

E autora ainda salienta que no âmbito, da atividade psíquica, a atividade da aprendizagem pode ser considerada como um componente da atividade humana. A atividade de aprendizagem vinculada à produção do conhecimento, em primeiro lugar, é preciso considerar que a construção do conhecimento não pode ser concebida como algo desvinculado da forma pela qual os seres humanos relacionam-se entre si e com os componentes culturais, disponíveis na sociedade. A produção de idéias, de representações sociais, da consciência e de teorias está diretamente entrelaçada com a atividade prática dos seres humanos.

Ao mesmo tempo, cabe lembrar que Wallon (1989) ressalta a importância da função simbólica, a linguagem e, conseqüentemente, o pensamento discursivo, pois através dele o nosso acesso à realidade se ampliará.

Para que a criança tenha atingido a etapa de linguagem verbal, antes ela deve ter feito a simbolização através do corpo e do movimento.

Le Boulch (1998:66) reforça esta idéia quando afirma:

“Primeiro é a percepção do objeto ou da situação vivenciada que induz a palavra; mais tarde, a percepção da palavra trocará o objeto ou a situação pela representação mental. É nesta fase que o símbolo verbal se tornará o verdadeiro signo sonoro, através do qual a criança exercerá verdadeiramente sua função simbólica”.

Esta percepção do objeto está vinculada com a noção de espaço e tempo. A estruturação espacial é definida por De Meur e Staes (1984:13) da seguinte maneira:

- “- tomada de consciência da situação do seu próprio corpo em um meio ambiente, isto é, do lugar e da orientação que pode ter em relação às pessoas e coisas;
- a tomada de consciência da situação das coisas entre si.
- a possibilidade, para o sujeito, de organizar-se perante o mundo que o cerca, de organizar as coisas entre si, de colocá-las em um lugar, de movimentá-las”.

E, como diz Oliveira (2002: 85), “...as noções de corpo, espaço e tempo têm que estar intimamente ligadas se quisermos entender o movimento humano. O corpo coordena-se, movimenta-se continuamente dentro de um espaço determinado, em função do tempo, em relação a um sistema de referência”.

Corpo e aprendizagem estão extremamente relacionados com aspectos orgânico, emocional e social. Como já mencionei, Wallon (1979) considera que o ser primeiramente tem contato com o social, ele precisa do outro para satisfazer suas necessidades básicas, assim como para adquirir habilidades mais refinadas. Ele está imerso numa cultura, como diria Daolio (1995), que está sempre em mudança e é passada de geração a geração. Os valores inseridos na cultura irão interferir diretamente no psiquismo do ser.

De acordo com Franco (mimeo) no âmbito da atividade psíquica, a atividade de aprendizagem pode ser considerada como um componente da atividade humana, orientada para a aquisição, não apenas, de conceitos, generalização, análise, síntese, raciocínio teórico, pensamento lógico... mas, também para o desenvolvimento cognitivo, afetivo, subjetivo e social.

A aprendizagem transforma o comportamento continuamente, e isto é possível graças a interações e reflexões. É através do outro que eu vou me legitimar, vou elaborar-me enquanto sujeito, e o corpo vai registrando essas elaborações. É como se a cada aprendizado houvesse algo mais a esculpir, delinear no corpo. Somos uma escultura incompleta, sempre vai haver algo a acrescentar.

A liberdade para movimentar-se é primordial, no desenvolvimento da criança, pois o movimento é uma das funções vitais básicas. Como a criança busca compreender as possibilidades e limites colocados pelo meio social à sua movimentação, sua atenção também deve estar voltada para o meio ambiente, onde, às vezes, o “fique quieto” está muito presente e prejudica o desenvolvimento geral da criança.

Oliveira (2002:37) afirma:

“Um bom educador psicomotor pode auxiliar seu aluno a tomar consciência de seus bloqueios e procurar suas origens e, principalmente realizar exercícios adequados para um bom desempenho de seu esquema corporal”.

Em Franco (mimeo) há uma citação de Leontiev (1983) que diz que a condição de toda atividade é a necessidade, logo eu vejo a aprendizagem como

uma atividade. E Franco (mimeo) clarifica esta idéia quando nos explica que as necessidades pressupõem ações para satisfazê-las, a atividade implica um motivo que estimula as ações e uma finalidade que as orienta, o que significa que a atividade, mesmo sendo orientada extrínseca ao ser humano, se desdobra em diferentes tipos de atividades, cuja diferenciação é dada pelo seu conteúdo objetivo, uma vez que, o motivo é o princípio interno de qualquer objeto.

A leitura e a escrita têm em valor (motivo-finalidade) para nossa cultura que não é condizente com o valor dado a elas pela cultura indígena. Na nossa cultura pode ser estimulante ler e escrever, já na indígena pode ser indiferente saber ler e escrever.

A autora reforça a importância de garantir uma coerência significativa entre motivo e finalidade, pois essa coerência passa a ser uma condição importante para o desenvolvimento integral, criativo e transformador da personalidade e das realizações humanas, dentro e fora do espaço escolar.

É só entendendo que o corpo é o ser em totalidade, que envolve estruturas corporais, psicológicas, sociológicas e históricas, assim como a aprendizagem, é que poderemos encontrar vitalidade, saúde e autonomia. A tomada de consciência do próprio corpo possibilita vê-lo como unidade e não como dualidade.

Mediante o que foi exposto, posso dizer que o corpo influencia na aprendizagem, tanto quanto o inverso é verdadeiro. A partir da abordagem psicomotora, podemos ressaltar, resumidamente, os seguintes aspectos da relação corpo-aprendizagem:

- O corpo é uma só unidade corpo e mente, logo envolve estruturas orgânicas, psicológicas, sociológicas e históricas. Portanto, a aprendizagem é indissociável do desenvolvimento do corpo.
- É necessário promover a estimulação de experiências para que o sujeito produza e utilize um maior número de sinapses, facilitando, assim, a aprendizagem.
- Na perspectiva psiconeurológica da psicomotricidade, o sistema funcional é formado pelas unidades de atenção/alerta, de recepção sensorial e de planejamento/output - elas se desenvolvem em íntima dependência do exercício da motricidade.

- O desenvolvimento motor é cefalocaudal logo, as mudanças de posições possibilitam a aquisição de novos conhecimentos.
- O ato motor é anterior ao ato mental. Assim sendo, o exercício da motricidade é pressuposto para a gênese dos processos mentais.
- O esquema corporal é de importância fundamental na construção da subjetividade e nos processos de aprendizagem.
- A organização do espaço e do tempo são relevantes na constituição da noção de corpo e, conseqüentemente, na construção do conhecimento.
- A aprendizagem é uma atividade que tem um motivo que estimula ações e uma finalidade que as orienta.
- Para haver uma boa aprendizagem, é necessário ter domínio do corpo.

RELAÇÕES ENTRE O DESENVOLVIMENTO CORPORAL E APRENDIZAGEM NUM PERSPECTIVA BIOENERGÉTICA

Continuarei falando do desenvolvimento do sujeito, mas sob outro ponto de vista. Neste tipo de abordagem, verificamos que o corpo pode ser visto como o veículo para a identificação /diferenciação do eu e do outro. Além disto, valoriza-se a observação da postura, pois esta pode nos dar informações sobre como está o emocional do sujeito.

Ao nascer, o bebê já tem alguns movimentos, como os da face (abrir e fechar olhos, abrir e fechar a boca), de cabeça, dos braços, das pernas e do tronco. Com a utilização desses movimentos, ele vai “aprendendo” como fazer uso deles e como coordená-los. Primeiro, ele descobre as mãos, depois segura o objeto e, numa etapa futura, ele vai atirar o objeto.

Segundo Paín (1989:47):

“A organização das excitações sensoriais depende da atividade do sujeito sobre o objeto. Diante de um objeto completamente novo para o sujeito, este passará a examiná-lo fazendo-o girar em suas mãos ou movendo-se em torno dele. Assimila aquilo que vê, ouve ou experimenta a seus esquemas anteriores de ação, antecipando cada vez mais as possíveis transformações do objeto, corroboradas ou

corrigidas pelas percepções sucessivas. Pode-se entender o processo nos termos da teoria da decisão: a ação procede sobre um terreno cheio de incertezas, a princípio, que diminuem progressivamente à medida que se assimilam o desconhecido e que o grau de adaptação de hipótese for testado”.

O grau de adaptação vai se dando à medida que a sua identidade vai se delineando.

Para Mc Dougall (1991), o sentimento de identidade apóia-se na convicção de que, no interior do envelope carnal o corpo e o eu são indissociáveis. Não dá para se falar de um sem atingir o outro.

Bogdanowicz (2001) refere que esta identidade não é fornecida no nascimento; inicialmente, para o bebê, não existe diferenciação entre a dor física e os sentimentos de medo e desamparo, ou seja, entre as sensações fisiológicas desagradáveis e a dor afetiva. Isto acontece porque lhe faltam condições para pensar o próprio corpo e as sensações provenientes dele, ou para reconhecer os próprios sentimentos dolorosos como sendo seus.

A criança leva bastante tempo para conseguir realizar a sua unidade psicossomática, uma vez que, no começo da vida, não existe a diferenciação eu - outro e seu corpo é sentido como objeto do mundo externo.

Bogdanowicz (2001) ainda diz que o acesso da criança à simbolização e à possibilidade de inserir as experiências afetivas e corporais no código lingüístico depende, inicialmente, da unidade relacional mãe-bebê, uma vez que, nessa fase, é a mãe quem interpreta os comportamentos do bebê e, posteriormente, nomeia-os para ele (início do processo de simbolização). Na questão da unidade relacional mãe-bebê, da mesma forma que existe um impulso de fusão há também o de separação, para que posteriormente o bebê possa estruturar-se como um ser que tem o seu próprio corpo, e a mãe tem o dela.

Bogdanowicz (2001) nos alerta que unidade fusional e a separação têm que ocorrer em determinados tempos, pois, caso a fusão seja fraca ou persistir, poderá trazer dúvidas para o bebê quanto à responsabilidade do seu corpo, ou pânico mediante qualquer tipo de separação. Isto, como consequência, refletirá no desenvolvimento do ser em questão.

A presente autora relata que uma falha ocorrida durante essa fase de desenvolvimento do bebê pode comprometer seu próprio corpo, ou a sua sexualidade ou, ainda, seus pensamentos e emoções de medo ou de abandono, característica dessa fase. Estas, em lugar de serem transformadas em aquisições psíquicas, fixar-se-iam no plano físico, fazendo com que, posteriormente, o indivíduo apresente uma cisão entre o corpo e a psique. Desse modo, a função simbólica, transcendente, ficaria fixada no corpo e não poderia transformar-se em imagens ou fantasias que seriam assimiladas pelo ego.

O olhar, o escutar, ou melhor, o observar é algo de relevância para o psicopedagogo, tendo em vista que ele tem que ter o conhecimento de como se aprende, como ocorrem as alterações, por que elas ocorrem, e saber reconhecê-las para melhor cuidá-las e conduzi-las.

Fernández (1994:70) coloca que:

“Há uma estreita relação entre o conhecer e o olhar. Somente diante do mostrar-guardar do ensinante é que se instala o espaço que permite ao aprendente aprender-olhar”.

O psicopedagogo necessita estar atento ao olhar e ao escutar, pois o rendimento do aluno pode estar prejudicado por questões corporais que levam a alteração respiratória, deixando-o mais lento e apático, além de poder estar interferindo no seu estado emocional.

Uma criança com postura inadequada, que respira mal, terá seu cérebro pouco oxigenado, portanto o seu tempo de atenção será menor, o que interferirá na sua aprendizagem. A respiração é de suma importância para se ter um corpo harmonioso.

Além da questão orgânica, a postura pode nos fornecer dados psicológicos; certas posturas revelam traços de caráter e também não podemos esquecer a cultura em que ele está inserido. Cada cultura tem seus próprios gestos, costumes.

Para Lowen (1995), a postura retrata nossos sentimentos inconscientes. Os tipos de caráter definidos por ele, de acordo com os tipos de postura, mostram como os bloqueios e tensões prejudicam uma movimentação adequada do corpo. Ele ainda comenta que as palavras utilizadas pelo homem podem conter mentiras, já na

linguagem corporal isso não acontece, se outro souber lê-la. O corpo refletirá o que realmente estiver sentindo. Ele ainda nos alerta que, para entendermos a linguagem do corpo, é preciso perceber a nós mesmos, temos que ser sensíveis as nossas expressões corporais para poder entender a do outro.

Malanga (2001) reforça essa idéia quando diz que as mensagens do corpo, por serem geralmente inconscientes, tendem a ser menos censuradas do que as mensagens orais. Desse modo, o observador atento pode fazer uma leitura daquilo que a linguagem corporal transmite.

Gaiarsa (1986), em seu trabalho, relata a estreita ligação entre respiração e emoção.

Bertherat (1986) acredita que a forma governa a função e, por isto, se a postura não está adequada, o movimento não será o ideal. Da mesma opinião é Souza (1987), que comenta como Still, o descobridor da Quiropatia, realçou a relação da biomecânica com as funções da circulação. Caso haja qualquer alteração no alinhamento de uma das vértebras (subluxação), existirá uma diferença no tônus da musculatura. Com o tempo, isso trará desconforto, diminuição da mobilidade e o indivíduo, para conseguir alívio e tentar o equilíbrio, adotará várias posturas, prejudicando assim o funcionamento do organismo.

Quando a cabeça está fora do eixo, o corpo cria compensações em outras partes para tentar manter o equilíbrio.

Bertherat (1986:54) diz que:

“Bem mais tarde, à medida que meus gestos foram-se tornando mais "naturais", pois passei a usar os músculos e a energia apropriada, consegui compreender como o movimento de uma parte do corpo é "vivido" pelo corpo inteiro e como sua unidade compõe-se da simultaneidade de movimentos não contraditórios, mas complementares”.

Verifica-se que a autora referida acima percebe a relação e interrelação das diferentes partes do corpo.

Fato semelhante também ocorre na aprendizagem, há uma cooperação de vários aspectos para que ela se dê de forma harmônica. Caso haja qualquer

dificuldade no processo de aprendizagem, ocorrerá um desequilíbrio que trará uma série de alterações no organismo, prejudicando a performance do sujeito, podendo ele ser visto sob outro prisma na sociedade em que vive. Portanto, deve-se ter uma atenção especial ao como se dá este processo de aprendizagem.

A mesma atenção deve ser dirigida ao conceito de corpo; se não tivermos em mente o corpo como um todo, correremos o risco de, como coloca Bertherat (1986:68):

“...ignorarmos que seria possível aumentar nossas capacidades intelectuais se descobríssemos, primeiro, como nos orientamos no espaço, como organizamos os movimentos do corpo. Nem nos passa pela idéia que, se melhorarmos a velocidade e a precisão dos impulsos nervosos entre o cérebro e músculos, melhoraremos o funcionamento do cérebro”.

Para que ocorra aprendizagem, é necessário que haja condições físicas, sociais e emocionais que a favoreçam.

Para que haja equilíbrio na coluna vertebral, é necessário ter-se a propriocepção do corpo.

De acordo com Bertherat (1986:86):

“É só através da atividade que nossas percepções sensoriais podem desenvolver-se. Mas não de qualquer atividade. Não da atividade mecânica, da repetição do mesmo movimento dezenas de vezes. Isso só serve para exercitar a teimosia, para nos embrutecer. O movimento só serve como revelação de nós mesmos, quando tomamos consciência do modo pelo qual ele se realiza ou não”.

Com a imagem corporal, adquire-se condições de reconhecer os pontos de tensão e eliminá-los, bem como uma melhor noção espaço-temporal. Um indivíduo que apresente qualquer distúrbio físico, social ou mental terá a aprendizagem comprometida.

Um desequilíbrio na coluna vertebral acarretará em vários prejuízos para todo o nosso organismo, levando o indivíduo a fazer várias compensações. Quanto maior a tensão, mais visíveis serão as compensações.

Por isso, é muito importante termos a propriocepção do corpo. Tendo uma imagem corporal, temos condições de reconhecer os pontos de tensão e eliminá-los, além de termos uma melhor noção espaço-temporal.

Logo, nota-se que a noção espacial também é construída em função das experiências e dos movimentos vivenciados com os objetos que estão ao nosso redor.

Ohannercian (1999) coloca que, modificando o corpo, podemos modificar nossas reações emocionais, ou modificando as impressões sobre o mundo, podemos transformar o corpo e, com isto, adquirir novas possibilidades de respostas às mais diversas situações, inclusive nas situações de aprendizagem.

Uma postura incorreta pode trazer retração, contração dos músculos posteriores, levando a ombros caídos, joelhos para dentro, um bloqueio do diafragma, aumento da tensão dos músculos da laringe. Numa sala de aula, o aluno que apresenta tal postura, geralmente, é um aluno que se dispersa com facilidade, demonstrando pouco interesse pelas atividades.

Ombros caídos dificultam os movimentos de peito, prejudicando a respiração, pois as costelas não conseguirão abrir-se de maneira adequada e o apoio respiratório estará incorreto. Quando nossos músculos não recebem sangue ou oxigênio suficientes, nossa ação se limita, o cérebro, com pouca oxigenação, funciona mais lentamente, e às vezes pode causar sonolência. Portanto, o aproveitamento em qualquer atividade será menor, mas se o cérebro recebe oxigênio em demasia nos tornamos ansiosos, somos levados a agir impulsivamente. Embriologicamente, a respiração surge para desempenhar a função de fornecer energia e oxigenar o sangue, dando assim combustível para o crescimento. Estes dados reforçam as teorias de Keleman (1992) e Gaiarsa (1986). A respiração não tem que ser educada; mas sim liberada.

A medula, o cérebro, o coração, os músculos, o estômago, pulsam, mexem em frequências diferentes de expansão e contração. Estas diferentes frequências rítmicas podem ser alteradas por emoções, ou seja, o cérebro e alguns hormônios

mandam mensagens que regulam o ritmo da pulsação, mais rápido ou mais lento, de acordo com as emoções. Se as emoções influenciam no ritmo das pulsações, elas interferem na estrutura psicofísica do indivíduo.

O corpo pode estar denunciando, através de sua estrutura, de sua forma, a maneira como lida com as situações, inclusive de aprendizagem e de conhecimento. Ele sofre influências orgânicas, culturais emocionais, logo ele é, ao mesmo tempo, unidade/todo. Refletimos no corpo os eventos a que somos submetidos.

Em termos de alinhamento corporal, nas abordagens bioenergéticas, deve se ter em mente que o eixo corporal deve ser corrigido de baixo, a partir dos pés, e que saber andar corretamente é relevante para se manter em equilíbrio. Na hora de pisar, toda área plantar deve ser utilizada, sem privilégio de nenhuma das partes (ponta ou calcanhar). A terapia bioenergética de Lowen também é orientada do chão para cima.

Em síntese, podemos dizer que os aspectos da relação corpo-aprendizagem que merecem destaque são:

- A identificação/diferenciação do eu e do outro são primordiais para constituição do sujeito.
- O corpo é o reflexo das experiências vividas.
- Postura, respiração e emoção estão interligadas.
- A linguagem corporal não mente. Portanto, é necessário buscar uma interpretação adequada dessa linguagem.
- É importante realizar um trabalho proprioceptivo.
- A flexibilidade e harmonia de movimentos favorecem uma aprendizagem mais equilibrada.

* * *

De acordo com as abordagens comentadas, pode-se dizer que o sujeito que não tem a percepção do seu corpo não perceberá suas tensões, e a inadequação do

tônus refletirá na respiração e no seu comportamento e, conseqüentemente, no seu emocional. O corpo, num primeiro momento, nos serve de referencial.

A percepção de como está o corpo do sujeito pode nos dar sinais do por quê dele estar tendo dificuldade em certas situações, entre elas a aprendizagem.

Os hábitos e vícios iniciam-se no começo da vida e, aos poucos, vão se integrando à nossa forma de ser e de agir. Infelizmente, só mais tarde é que as pessoas notam o problema.

A mudança de hábitos é uma tarefa árdua, faz parte de um processo de divulgação, prevenção e orientação, mas é fundamental, uma vez que o alinhamento corporal traz uma melhor qualidade de vida e de aprendizagem.

Na realidade, não existe UMA postura pré-fixada. É certo que existe a boa postura, porém uma postura considerada correta/adequada é aquela que vai ao encontro da estrutura psicofísica de cada indivíduo.

Existem técnicas como a Quiropatia, RPG, Técnica de Alexander, Eutonia, Rolfing, Bioenergética que estão relacionadas à postura corporal e são alternativas para se conseguir êxito em casos sem sinais de evolução e, em outros, como complemento dentro do processo terapêutico.

Toda informação que pode favorecer o desenvolvimento do paciente deve ser pesquisada por aquele que é responsável pelo caso.

A aprendizagem é contínua, há vários fatores que interferem neste processo, por isso devemos estar atentos para verificar o que pode estar impedindo que ele ocorra. A proposta aqui é ter no corpo um dos caminhos. A linguagem corporal pode ser um dos acessos na busca da autoria do pensamento.

As crianças que começam a ter uma melhor percepção do seu corpo, com o decorrer das terapias, também mostram progressos em outras áreas além da escolar. O alinhamento corporal fica adequado, o relacionamento social também se modifica; ela mostra-se mais confiante e participativa, o estado emocional mais equilibrado, enfim, a qualidade de vida é outra. E nós, terapeutas, temos condições de proporcionar esses avanços, desde que estejamos nos atualizando, buscando sempre o melhor.

CAPÍTULO III

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa tem como objetivo investigar como o corpo é percebido no enfoque do diagnóstico psicopedagógico e pretende chamar atenção para que a Psicopedagogia também não se atenha somente a partes em isolado. É preciso saber escutar” e observar o que o corpo tente dizer.

Para obter informações sobre procedimentos diagnósticos utilizados na prática psicopedagógica, conversei com psicopedagogos formados nas seguintes instituições: Faculdades Campos Salles, UNIP, UNIFIEO, UNISA FAE, UNIMARCO e PUC-SP. Após esses contatos, constatei que a maioria das instituições, não têm um roteiro fixo para o diagnóstico psicopedagógico, os professores dão várias alternativas de testes para os alunos. Cabe a eles escolher quais são os testes mais adequados ao perfil de sua atuação. Logo, cada aluno acaba utilizando um tipo de roteiro diferente. Como o roteiro da faculdade em que me formei é, também utilizado no curso de uma outra instituição, e é um dos mais regulares em comparação com

outros, fiz uma descrição dos procedimentos de testes, em relação aos aspectos que são analisados, procurando reconhecer o tratamento dado ao corpo e à motricidade.

Além de descrever o roteiro de diagnóstico acima citado, uma vez que foi o único roteiro padronizado no âmbito dos contatos obtidos, entrevistei profissionais especializados em Psicopedagogia oriundos de diferentes instituições formadoras.

Os procedimentos metodológicos desenvolvidos foram de entrevistas não diretivas, que é uma forma de obter informações de acordo com o discurso do entrevistado, sendo que o entrevistador não deve expor suas opiniões ou discordar do seu informante.

Foram feitas entrevistas com 6 psicopedagogos de diferentes locais de formação (PUC, UNIFIEO, EPSiba, UNIMARCO e Mackenzie) e em momentos diferentes, o que significaria uma abrangência ampla em termos de experiência e influência na formação. Isso permitiria compreender como vêm articulando seus conhecimentos à experiência vivida.

3.1. COLETA DE DADOS

Para a elaboração desta pesquisa foram colhidos depoimentos mediante entrevista não diretiva com 6 psicopedagogos, no período de agosto de 2002 à setembro de 2002. Todas as entrevistas foram gravadas em fita cassete e posteriormente transcritas (vide anexo), para que se prosseguisse a análise dos mesmos. Não se estabeleceu previamente o tempo de duração de cada entrevista, este variava de acordo com o entrevistado.

As gravações foram realizadas de acordo com a disponibilidade do entrevistado, e normalmente no seu local de trabalho (faculdade, escola ou consultório). Para a realização da entrevista, apesar de sua característica não diretiva foram utilizadas algumas questões norteadoras, tais como:

1. Qual o significado do corpo para você?
2. Como o corpo é visto pela Psicopedagogia?
3. O processo de desenvolvimento do corpo interfere na aprendizagem? De que maneira?
4. Que dados você consegue obter através do corpo no seu trabalho?

5. Você desenvolve algum tipo de trabalho corporal?

As respostas a essas questões será objeto de análise dos dados, sendo explicitado no item correspondente.

A guisa de esclarecimentos, oferecemos algumas explicitações a cerca dos critérios a partir dos quais foram elaboradas as questões.

A primeira pergunta foi feita com o objetivo de se obter uma visão mais pessoal de cada entrevistado, como cada um vê o corpo. A segunda pergunta é direcionada no sentido de se notar o quanto a formação profissional em Psicopedagogia interferiu ou não no conceito de corpo que o entrevistado tem. A terceira pergunta visa conhecer a concepção que cada entrevistado tem da relação entre corpo e aprendizagem. Já as perguntas quarta e quinta estão voltadas para a prática profissional de cada um deles.

3.2. ANÁLISE DOS DADOS

E para verificar os resultados obtidos foi feita a Análise de Conteúdo do material coletado. O ponto de partida para a análise de conteúdo foi a mensagem escrita contida no roteiro do diagnóstico e a do conteúdo das entrevistas gravadas.

Esse tipo de análise é feita levando em consideração as condições contextuais de seus produtores e implica que sejam feitas inferências sobre o conteúdo analisado.

“A análise de conteúdo pode ser considerada como um conjunto de técnicas de análises de comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetos de descrição do conteúdo das mensagens... A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção e de recepção das mensagens, inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)”. (Bardin, 1977 p.38 apud Franco 2005).

De acordo com Franco (2005) na Análise de Conteúdo estão inseridos, elementos importantes no processo de comunicação: a fonte emissora (quem), o processo de codificador (por que) que resulta em uma mensagem (o que), o processo decodificador (com que efeito) e por fim o receptor.

Usando este procedimento poderemos ter o foco centrado nas permanências e diferenças bem como nas singularidades que poderão apresentar com relação à maneira de considerar o corpo no âmbito da prática psicopedagógica.

CAPÍTULO IV

OS DADOS E SUA DISCUSSÃO

Neste capítulo apresentarei e discutirei o roteiro de diagnóstico psicopedagógico (com base livro “Psicopedagogia Clínica –Manual de Aplicação Prática para Diagnóstico de Distúrbios do Aprendizado- Márcia Siqueira de Andrade) utilizado em duas instituições em São Paulo, que apesar de uma instituição ser na região Oeste e a outra na região Sul, atingem o mesmo público de nível sócio-econômico-cultural. Assim como discutirei a análise dos dados obtidos com o material coletado nas entrevistas com psicopedagogos formados em diferentes instituições (PUC, UNIFIEO, EPSiba, UNIMARCO e Mackenzie), com o intuito de verificar como o corpo é visto e tratado dentro do processo de aprendizagem do ponto de vista psicopedagógico.

Para uma melhor compreensão deste roteiro diagnóstico descreverei os procedimentos e os objetivos das atividades contidas nele.

A anamnese, primeiro procedimento diagnóstico, consiste numa coleta de informações sobre o histórico do sujeito (planejamento familiar, gestação, alimentação, desenvolvimento neuropsicomotor, doenças, comportamentos, escola, hábitos e observações gerais). É realizado através de entrevista com os pais.

Nos Testes Projetivos podemos verificar a projeção dos conteúdos inconscientes num suporte concreto e, no caso psicopedagógico, nos auxilia na definição da modalidade de aprendizagem do paciente. Os testes projetivos utilizados são:

- Teste da Família: neste teste é solicitado ao sujeito que ele desenhe, numa folha de papel sulfite branca, uma família. São deixados à disposição vários tipos de materiais (canetinhas, lápis grafite, lápis de cor, borracha etc). O foco deste teste está em como se dá a relação entre os integrantes da família, como um todo e individualmente.
- Teste da Família Cinética: o material utilizado é o mesmo do teste citado acima. Pede-se ao sujeito que desenhe uma família fazendo alguma coisa. O objetivo do teste é verificar como se dá o estabelecimento de vínculos entre os integrantes da família.
- Teste do Aprendente: novamente o material utilizado é o mesmo dos testes anteriores. É solicitado ao sujeito que desenhe alguém aprendendo algo. O foco está na compreensão da relação entre quem ensina, quem aprende e o objeto de conhecimento, como é percebida pelo paciente.

Na atividade “A Hora do Jogo Psicopedagógico”, deve-se selecionar o material que vai ser colocado numa caixa com tampa. Os objetos são bem diversos (lápis grafite, lápis de cor, massinha, papéis coloridos, clips, cola, tesoura, barbantes, palitos partes de quebra-cabeça, etc) variando de acordo com a criatividade do psicopedagogo. O sujeito deverá brincar, fazer o que quiser com o conteúdo da caixa, que é colocada tampada na sua frente. Nesta atividade, o foco está em como o paciente se aproxima do conhecimento e se apropria, ou não, dele. Verifica-se se ele explora ou não a caixa, de que forma acontece esta exploração, de forma ordenada ou aleatoriamente.

O Teste Aperceptivo Infantil Psicopedagógico consiste na análise do enredo das histórias contadas pelo sujeito a partir de 3 pranchas, que contém desenhos de animais em situações humanas, afim de identificar a modalidade de aprendizagem. É apresentada cada prancha de uma vez, e é pedido que o sujeito conte uma história e lhe dê um título. O foco do teste está em três aspectos- como é significada a relação ensinante/ aprendiz (prancha1- galinha), como circula o conhecimento na família (prancha 2- macaco) e como se dá o aprendizado das convenções e normas (prancha 3- cachorro). Há três categorias de classificação das histórias elaboradas: descritiva, descontextualizada e integrada *.

Na Sondagem da Escrita, o sujeito recebe uma folha pautada e um lápis. O psicopedagogo verificará se o sujeito conhece as palavras que serão ditadas: elefante, rã, formiga, cachorro e tigre. Depois das palavras é ditada uma frase: O elefante pisou na formiga. Com esta amostra de escrita podemos saber de acordo com os níveis identificados por Emília Ferreiro, em que estágio o sujeito está no processo de aquisição da escrita.

Com as Provas Piagetianas (segundo os procedimentos já clássicos destas provas), estaremos verificando: a conservação de pequenos conjuntos discretos de elementos, conservação da quantidade de matéria, conservação de peso, conservação de volume, mudanças de critérios, quantificação de inclusão de Classes, intercessão de Classes, seriação de bastonetes. O objetivo é conhecer em que estágio do desenvolvimento cognitivo o sujeito se encontra, segundo Piaget.

No Teste Bender, é fornecido o seguinte material: folha de papel sulfite, lápis grafite HB, borracha. Este teste é constituído por 9 cartões em que estão desenhadas figuras simples e complexas com linhas retas, curvas e pontilhadas. Existe uma ordem exata na apresentação dos cartões. Primeiramente, mostra-se todos os cartões e, depois, se os recolhe. É pedido para o sujeito que copie cada um dos cartões apresentados pelo experimentador, um após o outro, na folha. São analisados os seguintes aspectos: localização espacial, organização do espaço, rotação da folha, uso da borracha, pedido de régua, reversibilidade, seriação, além da análise de cada reprodução do cartão feita pelo o sujeito. Este teste foi criado para definir índices de maturação percepto-motora.

*Existem critérios para essa classificação, porém extrapolam o objetivo deste trabalho por isso não serão explicitados.

Frente ao que foi exposto, notamos que os testes projetivos do roteiro não têm como objetivo a questão do corpo, eles estão mais interessados num aspecto mais subjetivo e não analisam só o produto final, e sim o processo da sua produção.

Na Hora do Jogo Psicopedagógico, o interesse é verificar como o sujeito lida com o desconhecido, se o sujeito explora o material, se não faz nada, se ele simboliza, se consegue resolver problemas, se há interesse numa apropriação do conhecimento. Percebemos que o corpo não é o foco da atividade.

No Teste Aperceptivo Infantil Psicopedagógico, vamos compreender como a criança aprende, como são suas relações com quem ensina e com o próprio conhecimento. Através dele, podemos ter dados para identificar a modalidade de aprendizagem do sujeito. O corpo novamente é ignorado.

A Sondagem da Escrita só nos fornece informações sobre o nível em que a criança se encontra, segundo Emília Ferrero, e para sabermos se a criança está ou não alfabetizada.

Os Testes Piagetianos vão sinalizar se o desenvolvimento cognitivo do sujeito está de acordo com o esperado para sua faixa etária.

O Teste de Bender, apesar de definir os índices de maturação percepto-motora, não focaliza propriamente o corpo. O teste visa observar como o sujeito utiliza o espaço, o que está em jogo é a habilidade visomotora, ou seja, apenas um aspecto psicomotor. E os outros, por que não são focalizados?

Verificamos, então, que neste roteiro de diagnóstico há um olhar e escuta para a cognição, não há um olhar direcionado para o corpo. Considerando a importância do olhar para o corpo, podemos inferir que há uma lacuna no diagnóstico.

RESPOSTAS OBTIDAS POR PROFISSIONAIS COM ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA

Foi feita uma análise de conteúdo após uma leitura flutuante das respostas obtidas por psicopedagogos, foram criadas categorias e seus respectivos indicadores como pode ser observado no quadros a seguir a partir das perguntas. Após cada um dos quadros, discute-se o conjunto das respostas, além de serem utilizadas outras falas igualmente pertinentes.

QUADRO I – SIGNIFICADO DO CORPO

| CATEGORIAS | Respostas |
|---|---|
| <p>Transcende o físico e o observável</p> <p>A. Vinculado à natureza</p> <p>Vinculado ao conhecimento, desenvolvimento, consciencia , desejo e social</p> | <p>É mais do que morada da alma do espírito, não se limita a ser uma casca. O que é então? (A . D.)</p> <p>Corpo vincula-se à natureza e ao universo. Visão da Física. (C.F.H.G.)</p> <p>Referência que o sujeito tem para conhecer tudo à sua volta. Tem que estar bem trabalhado. Sujeito precisa conhecer o corpo, para aprender.(C. A)</p> <p>Pedaço de mim, parte entre outros - organismo, inteligência, desejo e social.(M.A S)</p> <p>O corpo tem uma importância muito grande na aprendizagem no dia-a-dia, e quando eu falo na aprendizagem, não apenas aquela aprendizagem escolar, mas em todo momento, né? Forma como você, não sei se é o termo, como você se espalha no espaço conta muito sobre você, né?(S.P)</p> <p>O corpo para mim é tudo, é através dele que a gente vai estar percebendo a pessoa. C.A.M.B.S.</p> |

A partir das categorias nota-se que todos os entrevistados relevam a importância do corpo, e sua conceituação está vinculada à história de vida de cada um. O significado do corpo, para alguns não está relacionado com a questão orgânica, ele transcende o físico, vai além disso, para outro está ligado a natureza, porém a maioria dos depoentes vê o significado do corpo vinculado ao conhecimento, desenvolvimento, consciência e ao desejo.

Em algumas respostas pode-se verificar a abrangência do significado do corpo e sendo ele considerado como a identidade da pessoa:

“O corpo para mim é tudo, é através dele que a gente vai percebendo a pessoa. É no olhar, no toque, são gestos que faz, se você fizer uma boa leitura do corpo, muito você pode tirar dali, do que a pessoa está passando, da situação em que ela se encontra.” (C.A.M.B.S.)

“O corpo para mim é a referência que o sujeito tem para conhecer tudo a sua volta. Então este corpo tem que ser bem trabalhado, o sujeito precisa conhecer este corpo, para poder ter a sua aprendizagem, o seu conhecimento voltado para esta referência que é o seu próprio corpo”. (C.A.)

“O corpo tem uma importância muito grande na aprendizagem no dia-a-dia, e quando eu falo aprendizagem não apenas aquela aprendizagem escolar, mas em todo momento, né?! A forma como você não sei se é o termo, se espalha no espaço, conta muito sobre você?!” (S.P.)

Essas respostas vem a encontro da colocação de Oliveira (2002:47):

“O desenvolvimento de uma criança é o resultado da interação de seu corpo com os objetos de seu meio, com as pessoas com quem convive e com o mundo onde estabelece ligações afetivas e emocionais.

O corpo, portanto, é sua maneira de ser. É através dele que estabelece contato com as entidades do mundo, que se engaja no mundo, que compreende os outros”.

Além de, também reforçar as idéias de Fonseca (1988) que acredita ser necessário uma mediatização adequada, criança/meio para que haja desenvolvimento.

Em outra entrevista constata-se uma dúvida sobre o significado do corpo. A entrevistada sabe que ele é importante, e sabe o que ele não é :

“É mais do que a morada da alma, do espírito, não se limita a ser uma casca. O que é então?” (A.D.)

Percebe-se que a conceituação de corpo dos depoentes tem relação com a história de vida de cada um. O psicopedagogo que é graduado em Física, por exemplo, diz::

“Bom, eu acho que o corpo para mim, independentemente de que corpo estamos falando, eu acho que é fundamental, até porque do objeto de estudo da própria Física, porque a gente mexe com corpos. Normalmente estes corpos estão em movimento, então, vínculo a natureza, o universo a corpo. Eu acho que não existe lugar vazio com ausência de corpo”. (C.F.H.G.)

Outra psicopedagoga, com formação em Educação Física, coloca:

“....eu parei para pensar se não tiver um corpo, vai aprender pra que? Como? Por quais meios?” (A. D.)

Há aquela psicopedagoga que vê o corpo como uma parte de um todo:

“O corpo é um pedaço de mim, uma parte minha, a outra seria o organismo, inteligência, desejo, o social”. (M.S.A.)

Esta definição coloca o corpo, como sendo um dos elementos na constituição do ser, e não como síntese da totalidade. A visão desta psicopedagoga não vem de

encontro com a abordagem Psicomotora, onde o corpo é uma só unidade corpo e mente.

QUADRO 2 – CORPO VISTO PELA PSICOPEDAGOGIA

| Categorias | Respostas |
|--|---|
| <p>Não explicitou vínculo com a Psicopedagogia</p> | <p>Não é valorizado (corpos sentados). Cita fala da Alicia. Não há definição de como aprender o corpo.(A.D.)</p> <p>Não é ferramenta. É a única possibilidade de aprender. (M.S.A.)</p> <p>O enfoque dado na Psicopedagogia da PUC nós vimos muito Freud e Jung. Jung diz que temos 4 canais, a questão corporal é um deles, se você fizer um bom trabalho com eles, você alcança bons níveis de aprendizagem. O Jung fala muito do ser sensitivo, por isso o corpo é muito importante.</p> <p>.... fazendo essa leitura corporal, você consegue chegar analisar como está se dando esse canal de aprendizagem.(C.A.M. B.S.).</p> |
| <p>Vínculo com a Psicopedagogia &Conhecimento</p> | <p>A Psicopedagogia mostra que o corpo é a morada do aprendizado, então ele tem que ser muito respeitado, como objeto de conhecimento.(C. F.H.G.)</p> |
| <p>Vínculo com a Psicopedagogia e amplia o conhecimento do todo, afetivo e interacionista.</p> | <p>A Psicopedagogia busca trabalhar o sujeito como um todo ...é possível conhecer seu estado psicológico pela sua expressão corporal. A Psicopedagogia</p> |

valoriza muito o corpo do sujeito. (C.A.)

Eu conheço pessoas que são muito afetivas, o corpo dela mostra isso também, conheço outras que são afetivas também, mas tem uma parede aí no meio que impede, o contato com o outro, então na Psicopedagogia o corpo, ele pode ser a passagem né? Para o contato com o psicopedagogo através do corpo. S.P.

Nos depoimentos temos aqueles que vinculam o corpo com a Psicopedagogia, com o conhecimento além das questões afetivas entretanto, a maioria não explicita vínculo entre o corpo e a Psicopedagogia. Logo, constata-se que o corpo é importante no trabalho psicopedagógico, porém não há uma sistematização que esclareça o valor desse estudo:

“A Psicopedagogia mostra que o corpo é a morada do aprendizado, então ele tem que ser muito respeitado, como objeto de conhecimento”. (C.F.H.G.)

“Eu também não sei como o corpo é visto pela Psicopedagogia, é o que eu estou pesquisando no meu doutorado. O corpo é uma ferramenta não é valorizado como eu acho que deveria ser, não vejo essa questão, a valorização trazer, pensar neste corpo, eu vejo muito a coisa do consultório dos sentados, da pessoa que não se mexe ainda. Então, acredito eu, que a Psicopedagogia ainda não pensou o corpo. Tem as falas da Alicia, que eu não posso esquecer, que são muito interessantes, mas você precisa colocar agora o que vai ser feito, ela lançou a dúvida, e nós vamos fazer o quê? Vamos ficar só na dúvida?” (A .D.)

Reforçando essa idéia uso as palavras de Fernández (1991:63):

“O corpo também é importante quanto à transmissão das ensinãs. Em geral, a escola apela somente ao cérebro, crianças com braços cruzados, atados a si mesmos.

Essa era a proposta: amarrar-se o corpo para deixar apenas o cérebro em funcionamento, desconhecendo e expulsando o corpo e a ação da pedagogia. Ainda hoje encontramos crianças que estão atadas aos bancos, a quem não se permite expandir-se, provar-se, incluir todos os aspectos corporais nas novas aprendizagens”.

Não estariam alguns psicopedagogos repetindo o padrão escolar de inibir movimentos?

Além disso, devemos estar atentos que apesar de Jung ver no corpo o papel de coadjuvante, desenvolveu trabalhos voltados para o ser sensitivo, que pode ser aproveitado para o trabalho corporal, e conseqüentemente para a aprendizagem, de acordo com a resposta da entrevistada C. A . M. B. S.

QUADRO 3 – PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DO CORPO INTERFERINDO NA APRENDIZAGEM

| Categorias | Respostas |
|--|--|
| Existência de relação entre o corpo e a aprendizagem | <p>O corpo interfere na aprendizagem, a aprendizagem interfere no corpo. Na pedagogia frenetiana eles fazem um jornal do começo ao fim (...). O aprender fazendo, e para isso você vai usar todos os recursos que você tem no seu corpo, além das operações da inteligência, que estão aí também. A.D.</p> <p>...enfim, se eu tiver um bom relacionamento com o corpo, eu acho que vou aprender mais e melhor, porque estou bem comigo. C.F. H. G</p> <p>... o corpo é referência para sua aprendizagem.</p> <p>.... ele é referência para sua aprendizagem, porque o sujeito não consegue se organizar porque não conhece o seu próprio corpo.</p> <p>....a aprendizagem do sujeito parte desse seu desenvolvimento de esquema corporal. CA</p> |

| Categorias | Respostas |
|------------|---|
| | <p>.... ao mesmo tempo que ele filtra, que ele recebe, que ele demanda esse mundo externo, ele filtra e metaboliza para o mundo interno M. A. S.</p> <p>.... medo de se expor, de se colocar o corpo dessas pessoas, já diz tudo, não precisa verbalizar nada, você nota pela postura dela.SP</p> <p>....se você olha que a relação que faz com o mundo é através da manipulação das coisas, a relação de aprendizagem tem tudo a ver com o corpo. Acredito na estimulação precoce, dos bem pequenininhos.</p> <p>....eu acredito muito nesta questão da psicomotricidade, então quer dizer eu não vou trabalhar em cima da dificuldade da criança, eu vou trabalhar de uma forma que ela não apareça, então quanto mais eu trabalhar com esse corpo, frutos melhor eu vou colher. C. A. M. B. S.</p> |

Todos os entrevistados foram unânimes em dizer que o processo de desenvolvimento do corpo interfere na aprendizagem, ou seja, há uma relação entre o corpo e a aprendizagem. Alguns depoimentos verificamos aspectos vinculados a

aprendizagem voltado mais no foco cognitivo e outros na auto estima. Segue abaixo alguns exemplos :

“...o corpo é referência para sua aprendizagem.....”(C. A.)

“...enfim, se eu tiver um bom relacionamento com o corpo, eu acho que vou aprender mais...”(C. F. H.G.)

“A relação de aprendizagem tem tudo a ver com o corpo.”(C. A M. B. S.)

“O corpo interfere na aprendizagem, a aprendizagem interfere no corpo.” (A . D.).

De acordo com Wallon (1979) o ato motor precede o ato mental. Podemos verificar essa idéia nas seguintes falas:

“...se você olha que a relação que você faz com o mundo é através da manipulações das coisas”. (C.A.M.B.S).

Lembrando que a manipulação de objetos só é possível pela apreensão que foi uma conquista da libertação das mãos, item este muito significativo na constituição da motricidade humana.

Encontramos outras falas que reforçam a motricidade presente na aprendizagem:

“...o aprender fazendo, e para isso você vai usar todos os recursos que você tem no seu corpo...”(A. D.)

A resposta de S.P. nos remete aos estudos de Gaiarsa (1986) que coloca como a postura tem relação com o aspecto psicológico do sujeito:

“...medo de se expor, de se colocar o corpo dessas pessoas, já diz tudo, não precisa verbalizar nada, você nota pela postura dela..”

QUADRO 4 – DADOS OBTIDOS ATRAVÉS DO CORPO

| Categorias | Respostas |
|------------------|---|
| Dados subjetivos | <p>.... questões subjetivas como olhar fugidio, uma pessoa que se cala e nega o produto. Objetivamente até mesmo os cuidados que a pessoa tem com o próprio corpo, posso ver se a pessoa mostra ou esconde. A.D.</p> <p>... eu consigo observar através do corpo se ele demonstra alegria, prazer, questões que fazem parte da subjetividade desse sujeito.</p> <p>....eu posso ter inúmeras inferências através só da observação deste corpo, e como esse corpo fala, quer dizer é um diálogo do sujeito com as questões internas e as questões externas. C. A.</p> <p>É uma das possibilidades de eu enxergar o inconsciente.</p> <p>Na verdade é a primeira ferramenta que a gente tem para aprender, essa ferramenta que a gente tem quando nasce, a partir daí</p> <p>a gente molda outra possibilidade, a subjetividade de você acessar via corpo M. A.S.</p> |
| Dados Objetivos | <p>....quietinha, retraída, fechadinha, como se comporta no espaço.....S.P.</p> |

...os alunos que não conseguem lidar bem com a Física, eles mostram isso através do corpo: braços cruzados, olhar de raiva, olhar de ponto de interrogação.

CFHG

No primeiro contato com o corpo da criança já mostra inicialmente como vai ser esta relação.

O corpo vai estar te mostrando tudo. Se a criança é agitada, indícios de hiperatividade,... C. A.M. B. S

Dentre as falas a maioria está voltada a questões subjetivas enquanto outra parte enfatiza os dados observáveis. Em nenhuma das entrevistas houve relação dos dados obtidos pelo corpo com o meio em que o sujeito vive, ou seja, como a cultura interfere na construção do corpo humano.

Rodrigues (1998:55) diz: “A expressividade é buscada no corpo, nas situações em que a ele falta a possibilidade de expressão verbal”. Encontra-se em algumas falas este fato:

“... uma pessoa que se cala e nega o produto...posso ver se a pessoa mostra ou esconde”. (A.D.)

“... porque há crianças no início não querem nem falar, então você não consegue um retorno nem oral”. (C. A.M.B. S.).

As respostas das por C.F.H.G. e C. A. contêm elementos da abordagem gestáltica, que diz que observando o corpo, podemos aprender muito sobre o sujeito:

“...o corpo dá o recado de como você está se sentindo no geral...”(C.F.H.G.)

| | |
|--|--|
| | <p>MAS</p> <p>... eu trabalho com Psicodrama...</p> <p>... e tenham ou um relaxamento ou uma atividade como o outro</p> <p>Trabalhando o sujeito com seu próprio corpo e uma sensibilização para aquele momento</p> <p>....não tenho dificuldade de toque</p> <p>O sujeito tem que se visto como um todo CA.</p> <p>Sempre desenvolvi.... Uma coisa que sempre me pegou muito forte foi trabalhar com arte terapia, muita argila, muita massinha, e isso veio muito dessa base do Jung.</p> <p>... Sessões de relaxamento com música....massagem nos pés... exercícios com as mãos..tinta. C.A .M.B. S</p> |
|--|--|

Quanto ao trabalho corporal na clínica psicopedagógica, nota-se que alguns têm bem definidos seus objetivos com relação a essa temática do corpo; como trabalhá-lo:

“Eu procuro levar a pessoa se enxergar como ela é, seja através do espelho, do esquema corporal... procuro trabalhar o que eles produzem de sintoma”. (A. D.)

“...trabalhar com arte terapia, muita argila, muita massinha..relaxamento com músicas..massagem nos pés... (C. A.M. B. S.)

“Trabalho o recortar, o preencher, fazer silhueta, meter a mão na massa...(M. S. A).

As técnicas utilizadas para trabalhar o corpo, como relaxamento, massagem, alongamentos, etc visam desenvolver a auto-percepção, aumentar a sensibilidade de si e perceber melhor o que está ao seu redor, podendo assim lidar com suas dificuldades buscando solucioná-las.

Vê-se que certos psicopedagogos buscam através do corpo que o sujeito se perceba:

“..poder usar o corpo e conhecer e se reconhecer a partir dele”. (M. S. A.)

“...um trabalho de auto conhecimento, um trabalho para um conforto”. (A.D.)

“Eu trabalho com Psicodrama, com relaxamento. O sujeito tem que ser visto como um todo”. (C. A.)

Por outro lado, alguns psicopedagogos fazem o trabalho corporal indiretamente, sem critérios ou determinação, pois sentem a falta de um embasamento teórico:

“Falando bem a verdade se eu desenvolvo é algo muito...hã...como posso dizer...não é premeditado....Até gostaria porque acho extremamente importante, mas no momento acho que não tenho dados, conhecimento suficiente para fazer isso”. (S.P.)

“Desenvolvo, não é uma coisa científica, é uma coisa empírica..”(C. F. H. G.)

Uma vez apresentadas as respostas dadas pelos entrevistados a cada uma das questões da entrevista, assim como a discussão de cada conjunto de respostas, cabe articular uma síntese da totalidade das categorias obtidas.

Em primeiro lugar, considero que ficou evidenciado que os entrevistados atribuem ao corpo um significado mais amplo e abrangente do que aquele que identifica o corpo como um organismo biológico. Entretanto, a amplitude do significado atribuído ao corpo não é acompanhada, nos depoimentos colhidos, de uma explicitação clara de elementos que dão concretude e especificidade a esse significado, de modo que o mesmo fica num plano muito genérico e abstrato.

Outro aspecto que me parece claro, no que diz respeito ao significado do corpo, refere-se à influência da formação em Psicopedagogia nas concepções dos

entrevistados. Se, por um lado, a formação na graduação parece refletir-se com mais clareza nessas concepções, a formação em Psicopedagogia não parece repercutir da mesma forma. Isto fica evidenciado quando os entrevistados tratam da relação entre o corpo e os processos de aprendizagem. Ainda que considerem que o desenvolvimento do corpo interfere na aprendizagem, situam essa interferência de formas muito distintas.

O fato de os entrevistados abordarem a relação entre o corpo e a aprendizagem a partir de perspectivas diferentes reflete, a meu ver, o fato de que a Psicopedagogia não assume um referencial específico e definido para tratar dessa questão, de modo que as concepções que os psicopedagogos trazem de sua formação anterior acabam por balizar, em grande medida, o enfoque que os mesmos adotam para a relação corpo-aprendizagem.

No que se refere à intervenção, pode-se inferir que o olhar que os psicopedagogos entrevistados lançam sobre a objetividade corporal de seus pacientes carece de um suporte teórico definido, que estabeleça parâmetros tanto para a observação como para proposta de ação que leve em conta corporeidade. Assim sendo, as observações que alguns psicopedagogos fazem, por exemplo, do olhar e da postura de seus pacientes não parecem avançar em relação ao senso comum, na medida em que se limita a obter indicativos genéricos de estados afetivos ou de atitudes de introspecção, timidez, etc. Além disto, em nenhum dos depoimentos foi apontada qualquer relação entre o corpo do paciente e o meio sócio-cultural, de modo que, mesmo quando observado, esse corpo é descontextualizado, suas relações com o meio não são levadas em consideração.

Ainda no que tange à intervenção, embora alguns dos entrevistados tenham apontado objetivos definidos para o trabalho que envolve de forma explícita e intencional o corpo do paciente, parece que a definição de tais objetivos fundamenta-se em diferentes concepções e revela mais experiência pessoal do psicopedagogo do que uma formação específica para a intervenção psicopedagógica baseada na objetividade do corpo. Outros psicopedagogos reconhecem que não têm clareza de objetivos e critérios para a observação e propostas de atividades, baseando sua intervenção no senso comum e na “sua intuição”.

Discutindo os dados em conjunto

Analisados o roteiro de diagnóstico utilizado em duas instituições de formação em Psicopedagogia e os depoimentos de seis psicopedagogos formados em diferentes instituições, cabe discutir os dados em conjunto.

Frente ao que foi exposto no roteiro do diagnóstico psicopedagógico notamos que os testes projetivos do roteiro não têm como objetivo a questão do corpo, eles estão mais interessados num aspecto mais subjetivo e não analisam só o produto final, e sim o processo da sua produção. O corpo novamente é deixado à deriva.

Na Hora do Jogo psicopedagógico, o interesse é verificar como o sujeito lida com o desconhecido, se o sujeito explora o material, se não faz nada, se ele simboliza, se consegue resolver problemas, se há interesse numa apropriação do conhecimento. Percebemos que o corpo não é o foco da atividade.

No Teste Aperceptivo infantil psicopedagógico, vamos compreender como a criança aprende, como são suas relações com quem ensina e com o próprio conhecimento. Através dele, podemos ter dados para identificar a modalidade de aprendizagem do sujeito. O corpo novamente é ignorado.

A Sondagem da Escrita só nos fornece o nível que a criança está segundo Emília Ferrero, e para sabermos se a criança está ou não alfabetizada.

Os Testes Piagetianos vão sinalizar se o desenvolvimento cognitivo do sujeito está de acordo com o esperado para sua faixa etária.

O Teste de Bender apesar de definir os índices de maturação percepto-motora, não trabalha propriamente o corpo. O teste observa como o sujeito se utiliza do espaço, o que está em jogo é a habilidade visomotora, ou seja apenas um aspecto psicomotor, e os outros onde estão?.

Então verificamos que neste roteiro de diagnóstico há um olhar e escuta para a cognição, não há um olhar direcionado para o corpo, logo há uma lacuna no diagnóstico.

Esta lacuna vai refletir na intervenção psicopedagógica, constata-se isso através das entrevistas, onde podemos observar a colocação da importância do

corpo, mas não há nada embasado cientificamente ou sistematizado em nenhum dos depoimentos.

Há aquele psicopedagogo que diz:

“..... que se você fizer uma boa leitura do corpo, muito você pode tirar dali.....”(C.A M.S)

Como se faz essa leitura? Com base em que? A colocação é real, porém falta fundamentação.

E também há aquele psicopedagogo que não tem a intenção de desenvolver o trabalho corporal:

“Se desenvolvo um trabalho, falando bem a verdade, se desenvolvo é algo muitohã....como posso dizer,... não é premeditado.....acho extremamente importante, mas no momento eu acho que não tenho dados, conhecimentos para isto”.(S.P.)

Eles podem até ter seus objetivos definidos com relação a temática do corpo, mas como definiram técnicas se não diagnosticaram o que este corpo precisa? Enfim, tanto o roteiro utilizado nas duas universidades e na análise das respostas do questionário, convergimos para a mesma constatação: não há um olhar sistematizado para o corpo, nos procedimentos de diagnóstico e, por conseguinte, a intervenção também não inclui qualquer sistematização de trabalho relativo ao corpo.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa procurou verificar como a questão do corpo é vista no procedimento do diagnóstico e alertar para a necessidade de uma escuta e de um olhar mais abrangente para o corpo.

No decorrer do desenvolvimento do sujeito, cada corpo é afetado pelos que estão ao seu redor, e a partir daí ele vai sofrendo mudanças, vai havendo crescimento.

O sujeito que não tem percepção do seu corpo, poderá não ter noção do que está em sua volta, podendo com isso prejudicar a sua aprendizagem. Por isso é muito importante a propriocepção do corpo para termos uma imagem corporal adequada.

Uma postura incorreta poderá intervir na respiração, assim como criar tensões que interferiram no fluxo de energia do corpo e poderão dificultar a aprendizagem.

O corpo vai além do olhar, não podemos ter só uma visão organicista e nem ficar fazendo alusões sem fundamentação, há precisão de uma mescla de olhares e escutas para se ter o ser global.

A cultura deve-se levada em consideração quando for feito o diagnóstico psicopedagógico, uma vez que ela é determinante na formação do sujeito. Porém nos dados coletados ela não foi sequer mencionada, fato este que sugere uma falta de conexão no trabalho que é desenvolvido pelos psicopedagogos entrevistados.

De acordo com a análise das categorias percebe-se que os entrevistados não se referem ao corpo apenas no seu aspecto orgânico, mas para alguns o corpo transcende o físico observável, outros vêm o corpo vinculado a natureza ou conhecimento, porém há muita generalização no seu significado, dificultando com isso um entendimento real do que seja corpo. Mesclam-se respostas que faltam cientificidade (quando a maioria dos entrevistados faz um trabalho corporal de forma empírica) com outras com conteúdos abstratos, podemos verificar isto quando há predomínio de dados obtidos através do corpo de forma subjetiva, intuitiva.

Todos os entrevistados são da opinião que existe uma relação entre o corpo e a aprendizagem.

Já com relação como o corpo é visto pela Psicopedagogia nota-se que há quem não explicita a existência do vínculo entre o corpo e a Psicopedagogia, outros explicitam e há aqueles que ampliam este vínculo associando-o ao conhecimento e aspectos interativos e afetivos. Porém não fica claro como isto acontece, não há base em pressupostos teóricos.

Como foi constatado não há uma padronização nos diagnósticos psicopedagógicos utilizados na maioria das instituições, o que dificulta a padronização dos dados obtidos.

Nota-se que no questionário não houve nenhuma menção ao diagnóstico nas respostas, reforçando idéia que o corpo não é focado como devia, ou seja, não faz parte do roteiro de diagnóstico.

Há uma necessidade dos psicopedagogos, ampliarem seu universo teórico quanto a dimensão do corpo, valendo-se deste conhecimento para rever e aprimorar o seu trabalho terapêutico. Munidos destas informações, os resultados destes estudos, deverão refletir em transformações e melhora na escuta psicopedagógica.

Ao meu ver, para se ter uma real escuta psicopedagógica do corpo, é importante que se tenha uma diretriz para nortear o trabalho. O procedimento não pode ser feito em cima de “achismos”, tem que ter uma fundamentação teórica.

Cabe ao psicopedagogo, adaptá-la caso seja necessário, ao contexto do sujeito. Acredito que numa avaliação, o corpo deva ocupar o lugar que lhe é de direito, porque é a partir dele que começamos a aprender, ele é o começo de tudo.

Concluindo, há uma necessidade de buscar construir procedimentos diagnósticos que focalizem de forma sistematizada o corpo e a motricidade, como, por exemplo, testes psicomotores, exercícios de alongamento, etc. Só assim estaremos colaborando para que o corpo seja escutado e focado da forma que ele merece

no enfoque do diagnóstico psicopedagógico, além de chamar atenção para que a Psicopedagogia também não se atenha somente a partes do corpo em isolado, é preciso saber “escutar” e observar o que o corpo tenta dizer.

ANEXOS

Questionário

1. Qual o significado do corpo para você?
2. Como o corpo é visto pela Psicopedagogia?
3. O processo de desenvolvimento do corpo interfere na aprendizagem? De que maneira?
4. Que dados você consegue obter através do corpo no seu trabalho?
5. Você desenvolve algum tipo de trabalho corporal?

Entrevistada: A. D.

Formação: Educação Física

Psicopedagogia UNISO (Sorocaba)-sentiu dificuldade na atuação a princípio, recebeu um folder da Unifieo e resolveu fazer a Psicopedagogia Clínica

Mestrado em Psicopedagogia na UNIFIEO

Doutoranda em Psicopedagogia na UNISA

SIGNIFICADO DO CORPO

É o que eu vou descobrir no meu doutorado. O meu trabalho de doutorado é esse. Pergunto qual? E ela diz: O significado do corpo, onde fica o corpo, o que acontece com ele, porque ele é tão escondido, porque ele não é trabalhado, porque ele é tão escondido, porque só se fala das operações superiores da inteligência e se esquece que existe um corpo. E eu tenho verificado, sabe aqueles corpos cadernos da Alicia, está cheio de crianças que é um corpo caderno. É a classe dos sentados, consultórios dos sentados, não pode se mexer, cadê o corpo? A Ed. Física, que é a minha primeira área por sinal, foi considerada um “lazerzinho”. E aí, eu parei para pensar se não tiver um corpo, vai aprender pra que? Como? Por quais meios? Eu tenho lido um pouquinho, ele é mais que uma morada da alma do espírito, ou das funções elevadas do pensamento, ele é mais do que isso, ele não se limita a uma casca, então o que é isto? O que significa? Como a gente pode combinar tudo isso e ter uma atuação mais rica até por parte dos professores.

CORPO VISTO PELA PSICOPEDAGOGIA

Eu também não sei, é o que eu estou pesquisando no meu doutorado. O corpo é uma ferramenta. Não é valorizado como eu acho que deveria ser, não vejo essa questão, a valorização trazer, pensar neste corpo, eu vejo muito a coisa do consultório dos sentados, da pessoa que não se mexe ainda. Então acredito eu que a Psicopedagogia ainda não pensou o corpo. Tem as falas da Alicia, que eu não posso esquecer, que são muito interessantes, mas você precisa colocar agora o que

vai ser feito, ela lançou a dúvida, e nós vamos fazer o quê? Vamos ficar só na dúvida?

PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DO CORPO INTERFERINDO NA APRENDIZAGEM

As duas coisas; o corpo interfere na aprendizagem, a aprendizagem interfere no corpo, eu sou bem aquela coisa do Piaget tudo o que você aprende, aprende pelo corpo, pelas manipulações. Eu sou bem Piaget, neste aspecto não consegui transcender.

Aprender fazendo, pedagogia Frenetiana; uma criança quer saber como acaba um jornal. A pedagogia frenetiana eles fazem um jornal do começo ao fim, desde os tipos de letra, texto, elaboração, pesquisa, reportagem até o produto final. O aprender fazendo, é para isso você vai usar todos os recursos que você tem no seu corpo além das operações da inteligência, que estão aí também.

DADOS OBTIDOS ATRAVÉS DO CORPO

Eu posso verificar tantas as questões mais subjetivas como olhar fugidio, uma pessoa que se cala e nega o produto, e vou inferir disso o que também é subjetivo. Objetivamente até mesmo os cuidados que a pessoa tem com o próprio corpo, se sabe pentear o próprio cabelo, se tem noção, se cuida bem dele, se lava, se tem unha cortada, se é uma pessoa que tem noção do seu tamanho, vejo muito adolescente que não sabe muito bem o tamanho do braço, ele não percebe o espaço que ele ocupa. Observo a forma como a criança se veste, se é confortável, se não é, se está com a roupa cuidada, se não, se teve a preocupação ela de se vestir por ela, ou se foi alguém que fez isso. Posso ver se a pessoa mostra ou esconde, se está disponível, se está com os braços cruzadinhos direito, eu procuro ver a linguagem corporal, eu procuro ver a fala, eu ouço, se a pessoa me ouve também, se a pessoa está disposta.

TRABALHO CORPORAL

Eu procuro desenvolver sim, quando eu percebo que a pessoa não tem noção dela. Eu procuro levar a pessoa se enxergar como ela é, seja através do espelho, do esquema corporal, traga fotos, e veja como ela desenvolveu, este era eu adolescente e eu mais velho, e aí a pessoa vai se percebendo, o que mudou. Eu procuro fazer muitas coisas referentes para o corpo, se a pessoa que enfatiza uma parte do corpo, como eu tive uma vez, uma mulher que adorava fazer moldes do pé na argila, até ela entender o que ela queria dizer, até entender que era uma forma de deixar pegadas, rastro. Ela não podia ser mãe, como ela iria deixar alguma coisa, alguma marca; então ela fazia pegadas, até que ela adotou uma criança.

Um trabalho para auto conhecimento, um trabalho para um conforto, uma criança que acabou de chegar da escola; copiou, copiou, eu passo um creminho para fazer uma massagem nas mãos, pés, costa trabalho esse relaxamento. Mostro para a pessoa localizar os pontos de tensão, porque não adianta eu ver, o próprio sujeito é que tem que saber os pontos de tensão. Então ele percebe onde tensiona mais, alguns tem dor na escápula, nuca, cabeça, cólica. Eu procura trabalhar o que eles produzem de sintoma. Até a questão da enurese, da ecoprese, essas coisas corporais para eles entenderem o que eles estão fazendo com o seu próprio corpo.

Faço bastante trabalho corporal, talvez porque fiz Educação Física, depois juntei com a Pedagogia e na Psicopedagogia me apaixonei pela psicomotricidade, mas dentro do contexto psicopedagógico.

Não tenho dificuldade com relação ao toque, tem meninos que estão na puberdade que ficam inibidos, então peço para ficarem de bruços. Ensino relaxamentos. Para mim o toque não intimida, para alguns sim. Então eu vou dando joguinhos do tipo do Carol, no começo você não encosta muito, depois é quase natural o toque. Mesmo com as pessoas muito limitadas quanto ao toque, todas elas saíram de lá sentindo prazer do toque. Porque o toque é fabuloso é fenomenal, é você encontrar o outro pele com pele, o toque é fundamental. Alguns têm dificuldade de abraçar, apertam a mão fracamente e não olham e eu vou trabalhando.

Entrevistada: M.A.

Formação: Educação Artística

Psicopedagogia em Epsiba

Mestre e Doutora em Psicologia da Educação

SIGNIFICADO DO CORPO

Um pedaço de mim. Uma parte minha, a outra seria o organismo, inteligência, desejo o social.

PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DO CORPO INTERFERINDO NA APRENDIZAGEM

Com certeza. Ele....como é que eu vou te dizer....ao mesmo tempo que ele filtra, que ele recebe, que ele demanda esse mundo externo, ele filtra e metaboliza para o mundo interno, ele é como se fosse essa coisa do filtro, e ele se faz nesse movimento.

CORPO VISTO PELA PSICOPEDAGOGIA

Comonão seria ferramenta, instrumento não. A possibilidade de aprender, a única possibilidade.

DADOS OBTIDOS ATRAVÉS DO CORPO

É uma das possibilidades de eu enxergar o inconsciente. Enxergar o inconsciente é dose!! É uma das possibilidades de eu acessar o inconsciente. Como ele lida com esse filtro e o que ficou de resíduo neste filtro que pode me dar algum significado, sobre o aprender ou não aprender. Na verdade é a primeira ferramenta que agente tem para aprender, essa ferramenta que a gente tem quando nasce a partir daí a gente molda outra possibilidade.....a subjetividade de você acessar via corpo.

TRABALHO CORPORAL

Trabalho o recortar, o preencher, fazer a silhueta, meter a mão na massa é exatamente isso, poder usar o corpo e conhecer e se reconhecer a partir dele.

Entrevistada: C. A.

Formação: Pedagogia

Psicopedagogia na UNIMARCO

Mestre e Doutora em Psicologia da Educação

SIGNIFICADO DO CORPO

O corpo para mim é a referência que o sujeito tem para conhecer tudo a sua volta. Então, este corpo tem que estar bem trabalhado, o sujeito precisa conhecer este corpo, para poder ter a sua aprendizagem, o seu conhecimento voltado para esta referência que é o seu próprio corpo.

O CORPO VISTO PELA PSICOPEDAGOGIA

A Psicopedagogia como ela trabalha, ou pelo menos é o objetivo dela trabalhar o sujeito como um todo e procurando sempre ver este sujeito por inúmeras variáveis o corpo é fundamental. Porque a primeira expressão, ou primeiro acolhimento que você dá ao paciente na clínica psicopedagógica é até verificar como é que está este paciente através do seu próprio corpo. Quer dizer, o primeiro grande momento da Psicopedagogia é estar já vendo o sujeito no seu corpo, como ele se apresenta a você, se ele demonstra estar bem ou não através da sua expressão corporal, então a Psicopedagogia valoriza demais o corpo do sujeito

PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DO CORPO INTERFERINDO NA APRENDIZAGEM

Muito, como eu disse no início, o corpo é referência para sua aprendizagem. Para você saber o que está perto/longe, o que é grande/pequeno, a sua referência é o próprio corpo. Então a aprendizagem do sujeito parte desse seu desenvolvimento de esquema corporal, a partir do momento que ele sabe o espaço que ele ocupa, ele é a referência para sua aprendizagem. Então várias questões passam pela

dificuldade de aprendizagem porque o sujeito não consegue se organizar, porque não conhece o seu próprio corpo.

DADOS OBTIDOS ATRAVÉS DO CORPO

Olha, através do corpo eu consigo obter as questões que envolvem o bem estar do sujeito ou como o sujeito está se sentindo naquele momento. Eu consigo observar através do corpo se ele demonstra alegria, prazer, questões que fazem parte da subjetividade desse sujeito, então o como ele se sente diante de determinada situação, quando ele não se sente bem por causa de uma pergunta feita, ou de uma atividade e automaticamente através da sua postura corporal, ele demonstra como ele não está se sentindo bem. Então, eu posso ter inúmeras inferências através só da observação deste corpo, e como esse corpo fala, quer dizer é um diálogo do sujeito com as questões internas e as questões externas .

TRABALHO CORPORAL

Muito, não só nas sessões, mas também nas minhas aulas. Eu trabalho com Psicodrama, mas mesmo numa sala normal eu sempre me reporto, eu sempre faço alguns movimentos para as pessoas se desligarem um pouco do mundo acadêmico então faço relaxamentos, ou uma atividade com o outro. Trabalhando o sujeito com seu próprio corpo, e uma sensibilização, uma motivação para aquele movimento. O sujeito tem que ser visto como um todo.

Eu não tenho dificuldade de toque, sempre estou participando das atividades.

Entrevistado: C. F. H. G.
Formação: Física
Psicopedagogia na UNIFIEO
Mestre em Psicopedagogia

SIGNIFICADO DO CORPO

Bom, eu acho que o corpo para mim, independentemente de que corpo estamos falando, eu acho que é fundamental até porque é objeto de estudo da própria Física, porque a gente mexe com corpos. Normalmente estes corpos estão em movimento, então eu vinculo a natureza, o universo a corpo. Eu acho que não existe lugar vazio com ausência de corpo.

O CORPO VISTO PELA PSICOPEDAGOGIA

A relação que a gente tem com o corpo, particularmente com o corpo da gente é um pouco complicado, a gente percebe que tem pessoas que não tem uma relação muito legal com seu corpo, se acham obesas e isso é motivo de se desfazer, se acham magras e isso é motivo para se desfazer também. Estudando Psicopedagogia junto com aquelas pessoas que não acham nada disso e outras que nem pensaram sobre, para mim a psicopedagogia mostrou que se eu quero ser um bom aprendiz a morada desse aprendizado é o corpo, então ele tem que ser muito respeitado, como objeto de conhecimento mesmo.

PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DO CORPO INTERFERINDO NA APRENDIZAGEM

Eu acho que sim, a pessoa que consegue se relacionar bem com seu corpo, aceitar bem seu corpo, aceitar bem que eu digo é se eu estou achando que estou magro, o que eu posso fazer para engordar, não simplesmente criticar o corpo. Enfim, se eu tiver um bom relacionamento com o corpo, eu acho que vou aprender mais e melhor, porque estou bem comigo.

DADOS OBTIDOS PELO CORPO

Eu consigo obter assim, como eu dou aula de Física, eu não sou assim um professor bem quisto, porque a Física é sinal de problema, problema quer dizer nota baixa. Eu já percebi que os alunos que não conseguem lidar bem com a Física, eles mostram isso através do corpo: braços cruzados, olhar de raiva, olhar de ponto de interrogação.

Então eu acho que o corpo dá o recado de como você está sentindo no geral e eu percebo isso através dos olhos, que são uma parte importante do corpo dos meus alunos.

TRABALHO CORPORAL

Desenvolvo, não é uma coisa científica é uma coisa empírica. Quando percebo que a criança tem certa dificuldade, eu dou uns toques, eu tento orientar para ver se não é caso do psicopedagogo, e isso eu consigo observar através do corpo.

Entrevistada: C. A.M.B. S.

Formação: Pedagogia

Psicopedagogia na PUC-SP

SIGNIFICADO DO CORPO

O corpo para mim é tudo, é através dele que a gente vai estar percebendo a pessoa. É no olhar, no toque, são gestos que faz, se você fizer uma boa leitura do corpo, muito você pode tirar dali, do que a pessoa está passando, da situação em que ela se encontra.

CORPO VISTO PELA PSICOPEDAGOGIA

O enfoque dado na Psicopedagogia da PUC nos vimos muito Freud e Jung. Então se você for olhar pelo Jung, nós temos 4 canais em relação a aprendizagem, então através disso, dos seus sentimentos, da relação que você tem com o meio, dessa questão corporal. Se você fizer um bom trabalho, você alcança bons níveis na aprendizagem.

O Jung fala muito disso, do ser sensitivo, por isso o corpo é importante, é aquela história do corpo fala, né?!.

Então assim, você percebe que algo não está bem, na atenção que a criança demonstra, ou na total dispersão dela, no olhar fugidio, tudo você fazendo essa leitura corporal, você consegue chegar analisar como está se dando esse canal de aprendizagem. Se a criança precisa de muito do contato, do manuseio, às vezes a criança só vai aprender por esse canal, então isso você vê na relação que ela tem com o corpo, se é uma criança que te toca muito, se ela tem necessidade de ficar manipulando objetos, é que é uma criança que a abstração para ela está muito difícil, e é o corpo que te dá estes dados. Ou a criança que você vê que a mão ta tensa, ou que há transpiração na mão muito grande por causa do nível de tensão, então alguma coisa ali ela está te mostrando, que algo não está bem

PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DO CORPO INTERFERINDO NA APRENDIZAGEM

Totalmente. Porque assim, se você olha que a relação do mundo, que você faz com o mundo, é através de você estar manipulando as coisas, que é quando a criança explora, que é isso mesmo que ela faz, desde a boquinha, na sucção, quando começa a manipular, mexer, jogar objetos no chão. A relação de aprendizagem tem tudo a ver com o corpo. Por isso que eu acredito assim, que apesar das pessoas não valorizarem muito essa fase, principalmente essa dos menores, que é a parte que você deveria fazer estimulação deles bem pequeninhos. Eu acredito muito nisso, nessa questão da psicomotricidade, aí então quer dizer eu não vou trabalhar em cima da dificuldade da criança, eu vou trabalhar de forma que isto não apareça, então quanto mais eu trabalhar com esse corpo, frutos melhores eu vou colher. É uma criança que possivelmente, se bem trabalhada não apresentará dificuldades mais tarde. Então é assim: é através do corpo, se houver um bom trabalho corporal, ele vai ter, não só em relação só a questão da aprendizagem, mas enquanto indivíduo, o equilíbrio dele, a harmonia com ele mesmo, a segurança, a autonomia. Acho que isto tudo se dá desde lá quando ele está engatinhando, levanta, dá os primeiros passos, se você fizer esse trabalho com o corpo, eu acho que é o caminho.

DADOS OBTIDOS ATRAVÉS DO CORPO

O corpo vai estar te mostrando tudo, se a criança é muito agitada, que tem alguns indícios de hiperatividade, se a criança tem uma desrealização muito grande, que é uma criança que quer viver na fantasia, tudo isso ela demonstra no corpo. Se a criança pela própria postura dela, ela é uma criança que está apática diante do mundo, entendeu?! Então isso aparece muito uma criança que não te olha, uma criança que está sempre com um olhar baixo, que a parte do ombro, tudo isso é muito curva, ela é para dentro, ela não é uma criança expansiva, ela é totalmente para dentro, você sente nesse constrangimento, nessa coisa pequena, amarradinha, parece que está amarradinha.

TRABALHO CORPORAL

Sempre desenvolvi, isso foi uma grande preocupação minha com esta questão do corpo. Então assim, fiz até sessões de relaxamento com música, uma coisa que sempre me pegou muito foi trabalhar muito com arte-terapia, muita argila, muita massinha, e isso veio muito dessa base do Jung mesmo. Essa coisa de ser, de você trabalhar com a coisa da intuição, a criança coloca ali naquele borrão de tinta ou mexer com água, então usar técnicas, com água, com barro. Então isso faz com que a criança vá se soltando aos poucos, antes de qualquer trabalho. Então nas sessões fiz muito isso, quer dizer às vezes agora nos vamos brincar de tocar o corpo, você quer? Então você faz massagem no meu pé e eu faço no seu, isso com crianças muito tensas porque há crianças que no início não querem nem falar, então você não consegue um retorno nem oral delas. Eu tive um caso de uma criança muito rígida assim. Tivemos que fazer bastante este trabalho de sensibilização primeiro; trabalhar com algumas músicas, interpretações de outra forma para se chegar as vias de fato, para se chegar lá na interpretação de texto que era a dificuldade que esta criança trazia. Quer dizer como eu vou me expor, ele não conseguia se expor, então ele não conseguia se expor, colocar esta criticidade dele, que ele pensa sobre determinado assunto, então tivemos que fazer todo esse trabalho inverso, e o corpo é muito importante nisso; nessa questão da tensão, então fazer exercícios com a mão, algumas coisas que vão fazer com que ele se liberte de toda essa tensão, para chegar mais tarde a realmente transpor de forma escrita o pensamento dele, redigir, interpretar em texto por escrito, que era algo que se recusava a fazer.

Entrevistada: S.P.

Formação: Pedagogia PUC-SP

Psicopedagogia Mackenzie

SIGNIFICADO DO CORPO

O corpo tem uma importância muito grande na aprendizagem no dia-a-dia, e quando eu falo a aprendizagem não apenas aquela aprendizagem escolar, mas em todo momento né?! A forma como você não sei se é o termo, como você se espalha no espaço, conta muito sobre você, né?! Po exemplo minha formação é em Pedagogia, então eu tenho muito desse olhar pedagógico também, além do psicopedagógico, então a criança dentro da sala de aula, por exemplo você percebe as diferenças entre as crianças, uns são quietinhos, fechados, parece uma conchinha, retraídos, e aí você vai conversar com essa criança e ela mostra um pouco disso também na fala dela, é aquela criança que fala baixo, não que o tom é baixo, né?! Mas ela fala baixo porque ela meio que olha para os lados, aquela coisa de falta de segurança, né?! E o corpo dela mostra isso, a forma como ela senta na carteira, a forma como ela se porta. Já tem aquela outra que é espalhafatosa, que já fala com os braços com a cabeça, com as pernas, não quer dizer também que ela seja tão diferente dessa primeira, mas você nota uma sensível diferença entre essas duas crianças. No próprio consultório, eu atendo uma criança que é muito engraçado, ela é todo “espremidinha” na hora de se sentar, e ela tem uma dificuldade muito grande em se colocar dentro dos espaços. Outro dia, foi muito interessante nós estávamos jogando e sentadas no chão, e ela senta toda bonitinha, e aí eu sou mais espalhafatosa sentei e deitei no chão, a cara dela quando eu fiz isso foi muito interessante, porque ela mudou, ela começou a se sentar mais a vontade, e aí ela falou: Posso deitar? Claro, pode. Então fiquei deitado em cima do tapete e ela do outro tapete e ficamos jogando, e ela ficou muito animada com isso. Eu acho que tem uma importância primordial.

CORPO VISTO NA PSICOPEDAGOGIA

Bom, o que eu posso dizer...corpo, como disse anteriormente, ele mostra muito, ele fala muito, né, como é essa pessoa, como ela se relaciona, o contato físico,

há pessoas que parece que tem receio de se aproximar do outro, o corpo dela mostra isso, ela já não quer um contato de pele, de abraço, é diferente. Eu conheço pessoas que são muito afetivas, o corpo delas mostra isso também, essa afetividade, conheço outras que são afetivas também, mas tem uma parede aí no meio que impede o contato com o outro, então na Psicopedagogia, ele pode ser a passagem, né, pro contato com o psicopedagogo através do corpo.

PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DO CORPO INTERFERINDO NA APRENDIZAGEM

Primeira coisa que eu tinha dito foi o medo, primeira coisa que me veio a mente, medo de se expor, medo de se colocar, então algumas pessoas tem esse receio de se expor, de se colocar, o corpo delas já diz tudo, ela não precisa verbalizar nada, você nota pela postura dela, pelo jeito dela.

DADOS OBTIDOS ATRAVÉS DO CORPO

De certa forma eu já falei é essa coisa do novo, de expor de se colocar, o corpo mostra isso. A criança vai ter contato com uma pessoa que ela não conhece, o psicopedagogo por exemplo: o corpo dela já mostra como é que inicialmente vai ser essa relação, então a primeira vez ela ali está quietinha, retraída, fechadinha, e ela de repente começa a se movimentar naquele espaço do consultório, começa a tomar posse do tapete, do sentar no chão, do olhar as coisas que estão em volta, de mexer então você nota essa relação e isso já é um dado muito importante para essa aprendizagem, para esse contato.

TRABALHO CORPORAL

Se eu desenvolvo um trabalho, falando bem a verdade, se desenvolvo é algo muito...hã...como posso dizer,...não é premeditado, não é algo assim: Bom, então vou

desenvolver tal coisa para trabalhar o corpo. Não, até gostaria, porque acho isso extremamente importante, mas no momento, eu acho que não tenho dados, conhecimento suficiente para fazer isso. Porque eu acho o seguinte. Não é um curso de um ano e meio, dois ou dois anos e meio, que vai te dar uma gama de conhecimento para você atuar com esse indivíduo, seja criança ou adulto. Você tem uma série de informações, vivencia uma série de coisas. Acabou o seu curso, você literalmente terá que correr atrás e é isso que eu faço atualmente, né?. Terminei o curso o ano passado mas, bom estou atendendo acho que meu conhecimento, fiz dois anos, me dediquei realmente, mas acho que não foi o suficiente, que eu tenho muita coisa para aprender, quanto mais você vai conhecendo, mais você vê que falta aprender. Então, eu estou tendo contato com uma série de pessoas, conversando muito, tenho supervisão com uma ex-professora minha, porque acho que isso vai me dar um suporte legal para estar fazendo meus atendimentos, e aí você falou o que pode fazer, que trabalho pode ser feito através do corpo, uma coisa que me veio a mente agora é o trabalho com tinta, com argila, tudo isso vai também possibilitar, então retomando um pouquinho, eu faço de certa forma um trabalho com o corpo, na medida que por exemplo a criança que eu atendo pega a argila, e ela molda um bebê. Em todos outros momentos ela vai contando que aquele bebê que ela tinha moldado na argila é ela, aquele bebê que está dentro do berço, que está protegido, que é todo fininho, todo delicado e aí a mãe dela chega logo de início com a queixa, mas aproveita e fala que ela tem um problema com gordura, com peso porque ela se acha muito gordinha. Então tem aí uma representação do corpo.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, M. S. *Linguagem escrita: da representação do objeto à da fala*. São Paulo: Ieditora, 2001.

BOSSA, N. A. *A Psicologia no Brasil*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

BOGDANOWICZ, L. M. *Psicossomática: A Busca do elo perdido*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica. PUC-SP, 2001.

BERTHERAT, T. *O Correio do Corpo. Novas vias da antiginástica*. São Paulo: Martin Fontes, 1982.

_____. *O Corpo tem suas razões. Antigínástica e Consciência de si*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

CANONGIA, M. B. *Psicomotricidade em Fonoaudiologia*. Rio de Janeiro, 1990

CHIZZOTTI, A. *Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais*. São Paulo: Cortez Editora, 2001.

DANTAS, H., OLIVEIRA, M. K. e LA TAILLE, Y. *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, 1992.

DAOLIO, J. *A Construção cultural do corpo humano*. Campinas: Papyrus, 1995.

- DOLTO, F. *A imagem inconsciente do corpo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1984.
- DAVIS, C. e OLIVEIRA, Z. *Psicologia na Educação*. São Paulo: Cortez, 1990.
- DE MEUR, A. e STAES, L. *Psicomotricidade- Educação e reeducação*. São Paulo: Ed. Manole, 1984.
- FADIMAN, J. *Teorias da Personalidade*. São Paulo: HARBRA, 1986.
- FERNÁNDEZ, A. *A Inteligência Aprisionada*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- _____. *Mulher escondida. Uma leitura psicopedagógica do ser mulher da corporalidade e da aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- _____. *O Saber em jogo. A psicopedagogia propiciando autorias do pensamento*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- _____. *Os Idiomas do Aprendente*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- FONSECA, V. *Psicomotricidade: Filogênese, Ontogênese e Retrogênese*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- _____. *Manual de Observação Psicomotora*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- FRANCO, M. L. P.B. *Análise de Conteúdo*. Brasília: Líber livro, 2005.
- _____. *A Atividade Psíquica e a Aprendizagem* (mimeo), 2007.
- FREIRE, P. e FREI BETTO. *Essa escola chamada vida*. São Paulo: Ed. Ática, 1988.
- FRIEDMAN, S e CUNHA, M. *Gagueira e Subjetividade*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- GAIARSA, J. *O que é Corpo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.
- KELEMAN, S. *Anatomia Emocional*. São Paulo: Summus, 1992.
- KOLYNIAC, C. *Alguns Conceitos Básicos da Psicomotricidade* (mimeo), 2000.

- LE BOULCH, J. *O Desenvolvimento Psicomotor da Criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- LEVIN, E. *Clínica Psicomotora .O corpo na linguagem*.Petrópolis:Ed. Vozes,1999.
- LIMA, T. A. C. A Primeira Ensinante- Mãe e filho e as relações de aprendizagem. Dissertação de Mestrado em Psicopedagogia: UNIFIEO, 2000.
- LOWEN, A. *O Corpo em Terapia. Abordagem Bioenergética*. São Paulo: Summus, 1995.
- LURIA,A. R. *Pensamento e Linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas,1987.
- MALANGA, E. B. *A Linguagem do Corpo*.São Paulo: Cadernos de Psicopedagogia1(1), 54-65, 2001.
- MCDUGALL, J. *Em defesa de uma certa anormalidade*. Martins Fontes: São Paulo, 1991.
- OLIVEIRA,G. C. *Psicomotricidade. Educação e Reeducação num enfoque psicopedagógico*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2002.
- OHANNERCIAN, E. *O corpo na clínica psicopedagógica*. Monografia para Psicopedagogia: UNIFIEO, 1999.
- PAÍN, S. *A Função da Ignorância* .Porto Alegre: Artmed,1999.
- PRAAGH, J. V. *A força da vida*. Rio de Janeiro: Editora SEXTANTE, 2001.
- QUINTEIRO, E. A. *A estética da voz: uma voz para o ator*. São Paulo: Summus,1989.
- RABELO, L. A. *Da submissão a autonomia na aprendizagem pessoal*. Monografia para Psicopedagogia: UNIFIEO, 2000.
- SOUZA, M. *Iniciação à Quiropatia*. São Paulo: Editora Ibraque, 1987.
- TOMPLAKLOV, R. *O Corpo Fala*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- VAYER,P. *Diálogo Corporal*. São Paulo: Editora Manole, 1984.
- VISHNIVETZ,B. *Eutonia. Educação do corpo para o ser*. São Paulo: Summus Editorial,1992.

WALLON, H. *Do ato ao pensamento- ensaio de psicologia comparada*. Lisboa: Moraes Editores, 1979.

_____. *As origens do caráter na criança*. São Paulo : DIFEL, 1971.

_____. *A origem do pensamento na criança*. São Paulo: Manole, 1989.